

10 de Maio de 2007



UMA RÁPIDA VISÃO DA ROTINA DE UM ALUNO DA EPCAr

Os Dois Primeiros Anos...mais um

Roberto Siqueira Hoog, Aluno 62-140

I - Mil Novecentos e Sessenta e Dois - 1962

Embora alguns milhares de alunos tenham passado pela Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, de 1949 para cá, muitos, com certeza, já esqueceram alguns dos acontecimentos diários e rotineiros, pelos quais passaram ao longo de meses, alguns, e anos, outros.

Durante uma faxina caseira, daquelas em que verificamos que mais da metade do que guardamos e transportamos em pesadíssimas caixas de papelão, ao longo de inúmeras mudanças, não passa de algumas centenas de lembranças e coisas afins ao nosso passado pessoal, além de outros milhões de cadernos, bilhetes, cartões e rascunhos da infância dos nossos filhos, encontrei duas cadernetas antigas. Daquelas do tipo agendas de bolso, onde encontramos tabelas, gráficos e um monte de curiosidades e conhecimentos, estes, normalmente inaplicáveis a mortais comuns como nós, pelo menos àqueles como eu... Pois bem, nestes dois mini-compêndios, dos anos de 1962 e 1963, havia notas que se referiam à minha ida para a EPCAr e a diversos acontecimentos que marcaram o meu e o nosso dia-a-dia em Barbacena.

Para não deixar estes pequenos detalhes, criados na base do "suor-e-sangue dos alunos", alguns deles literalmente, se perderem no tempo, como se não tivessem acontecido, resolvi decodificar estas minhas anotações. Elas, por sinal, foram super resumidas e confusamente escritas, devido a uma provável inexplicada pressa no ato de rabiscar. Decidi por colocá-las em um pequeno "conto agoravaiano", uma vez que os personagens, na sua maioria, ainda se encontram aprontando neste planeta e outros, embora ausentes fisicamente, ainda bem vivos em nossas lembranças.

Sempre que o texto for diretamente vinculado às anotações, ou diretamente transcrito delas, ele será mostrado através de *fontes formatadas em itálico*.

Pois bem, a primeira caderneta, com sua capa de plástico marrom, meio suja e encardida pela poeira acumulada ao longo dos últimos 45 anos, mostra-me, em sua primeira contra-capa, algumas anotações, um pouco borradas, onde faço uma contagem decrescente dos dias, domingos e meses que faltam para o início das férias de Julho e do final do ano de 1962. Quantos mais fizeram isto?

Logo no início de Janeiro, vê-se uns rabiscos onde consta que o dia dois seria o da *prova de matemática do concurso para a EPCAr*, e que, *durante a execução da mesma, serviram um bom lanche, composto por um copo de leite gelado acompanhado por um, melhor ainda, pão-com-goiabada*. Numa observação espremida, consta que *fui bem!* No dia três, lê-se: *Prova de Português*, e, a seguir, *serviram um lanche igual ao de ontem – Não fui muito bem!*

O dia oito, conta-nos que fui, juntamente com um amigo da vizinhança, o Wilson, para a cidade de Palmital, no interior do Paraná, onde o meu cunhado, Marcus, iria levar em frente alguma programação da firma onde trabalhava e nos arrastou como companhia. Parece-me que tudo correu às mil maravilhas e na maior calma, até que, nas anotações do dia 11, consta que *fui andar à cavalo e este disparou imediatamente, assim que eu o montei, porque o Marcus deu um tapa no lombo dele*. Ele era, e ainda é, um grande gozador. Como este foi o meu primeiro contato com um equino, só Deus sabe o porquê de eu não ter caído e sido atropelado pelo outro cavalo, que vinha um pouco

atrás. Fiquei apenas com a perna esquerda ralada e semi-esmagada, sem maiores consequências, por ocasião da parada do cavalo, após este ter percorrido, num galope desenfreado, uns dez metros rente a uma cerca, e uns duzentos desde o ponto da largada espetacular. O restante do passeio transcorreu quase que normalmente, constando apenas que "o Wilson perdeu o cavalo no mato e voltou a pé". Parece-me que que isto foi devido ao fato dele haver desmontado e, sem amarrar a montaria, se afastado para esticar as pernas. O cavalo, um pangaré daqueles bem domésticos, deu a volta e se mandou para casa...

Até o dia 17 tudo se passa entre pescarias e outros "programas de índio", adequados a época e ao meio temporal (espaço-tempo, não chuva torrencial). No dia 18, como televisão por lá não havia nem em filmes de ficção científica, fique sabendo pelo rádio (todo mundo acompanhava os acontecimento pelas ondas curtas, em imensos rádios de até doze válvulas) que o "Éder Jofre havia dado uma surra no Jhon – inglês, só não sei se foi na noite de 16 ou 17. Logo abaixo, anoto que *pesquei uma traíra de meio quilo, a qual caiu do anzol durante a puxada e tive que enfrentá-la na mão...* Dia 19, deixamos Palmital às cinco da tarde, com destino a Ponta Grossa, de onde seguimos para Curitiba, no dia 20, o sábado do meu aniversário. Completava, então, 17 anos e, sem saber, ainda, daria, logo a seguir, início aos meus trinta anos de Força Aérea Brasileira.

Foi quando entrei em casa, neste dia, que fiquei sabendo, pela eficiente recepção da minha irmã, Neusa, que havia sido aprovado no "exame de seleção para Barbacena": uma festa só e todos os parentes e amigos imediatamente atualizados. Um DIFRAL! Um update geral...

Dia 22 de Janeiro: *Faço exame de saúde para a E.P.C.Ar . Só fiz uma parte dele e acho que me sai bem...*

Dia 24 de Janeiro: *Terminei o exame médico. Agora, é só aguardar o resultado...*

Dia 25 de Janeiro: *Passei o dia apreensivo, para saber o resultado do exame de saúde.*

Dia 26 de Janeiro: *Penso que o resultado sairá hoje. Saiu. Fui julgado apto! Um espanto!!*

Dia 29 de Janeiro: *Vou à Base ("Base Aérea do Bacacheri", na verdade EOEIG, mas chamada de Base por toda a população curitibana) providenciar a minha passagem para o Rio de Janeiro.*

Dia 02 de Fevereiro: *Tenho que ir à "Base" para confirmar a passagem. Conheci um colega que irá comigo para o Rio. Seu nome é Dalton Dias Nazário.*

Dia 03 de Fevereiro: *Partida para RJ saindo do Aeroporto Afonso Pena, às 09:00 horas. O avião previsto não veio e fomos em outro que apareceu, um C-47 destinado a São Paulo, onde pousamos por volta das 15:00 horas, no Campo de Marte. Desembarcamos no Rio às 02:30 horas, após tomar um ônibus da Cometa em São Paulo. Atravessamos a pé toda a Getúlio Vargas e pegamos um trem na Central do Brasil, indo parar em Santa Cruz, onde chegamos à Base Aérea logo após o início da manhã.*



Fachada do Corpo de Cadetes da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos.

No dia cinco, depois de mais algumas peripécias de candidatos desorientados, já estávamos estabelecidos no conforto dos Afonsos. Tudo bem, apesar da situação estar crítica devido à falta roupas, dinheiro e, até mesmo, uma escova de dentes, desaparecida em meio a toda esta trapalhada.

Dia 06 de Fevereiro: *Já chove há dois dias. Quero sair para comprar uma escova de dentes e passar um telegrama, mas não está dando...* No dia seguinte, o tempo melhorou e *escrevi uma carta para casa, a qual foi colocada no correio pelo Dalton. Como o próprio não sabia como sair da Escola, para o ponto do ônibus mais próximo, eu lhe ensinei detalhadamente o percurso.* Fazendo jus ao comportamento mentecapto, característico de bichos alienígenas, *detalhei o caminho errado*, o que, somado à falta de atenção dele, acabou *fazendo-o ir parar no final do campo, junto à Base Aérea*. Dentre mortos e feridos, tudo acabou em paz, com os dois intelectuais rindo das respectivas idiotices.

Dia 09 de Fevereiro: *Início o meu exame de saúde, no Ministério da Aeronáutica.* Pegávamos um ônibus até Cascadura, o trem até a Central e um bonde, lotação ou outro ônibus até o destino final (E.Ferro/Esplanada). *Faço a "bateria", a coleta de sangue e a radiografia. No dia seguinte, farei o "exame de vista", e o da "fisiologia". Difícil foi a leitura dos caracteres estereográficos. Foi dureza enxergar os baitolas em relevo....* Dureza mesmo foi voltar para a "Escola", uma vez que a bicharada era jogada no mundo e tinha que se virar para ir e voltar no turbilhão dos ônibus-trem-bonde-lotação-bonde-trem-ônibus. Como o exame de vista havia incluído a dilatação da pupila, ninguém conseguia ler coisa alguma... porra nenhuma! Tínhamos que pedir para que alguém lesse os "letreiros" dos bondes ou ônibus... um espanto! O dia 11, domingo, foi tranquilo, com os candidatos (chamados carinhosamente como cãodidatos, ocasionalmente) papeando e andando pelos Afonsos.

Dia 13 de Fevereiro: *Faço os meus últimos exames. O eletroencefalograma e o eletrocardiograma. O encéfalo quase acabou em tragédia, quando caiu um pingo de cola no meu olho.* Só pode ser coisa de bicho. Jamais aconteceria com um veterano! Os dias seguintes foram de ansiedade para todos. Qual seriam os resultados destas inspeções de saúde? No dia 25, após inúmeras tentativas de fazer contato telefônico com o "Ministério", tivemos que desistir, pois só dava ocupado. Naquela época, era dureza telefonar, principalmente com os telefones de manivela que tínhamos no final dos corredores dos alojamentos. Falar com a central telefônica já era uma vitória; passar para o "exterior", uma proeza! *Telefonei umas três vezes e não deu em nada!!!*

Dia 16 de Fevereiro: *O Ramalho conseguiu falar (telefonar) e pegou nossos resultados. Fomos aprovados!* Registrei que tanto no sábado como no domingo passamos o dia na piscina, porém, *sem o capitão saber, pois ele não permitiria.* Já esqueci do motivo desta negação e não faço a menor idéia do que se trata.... Os dias que se seguiram foram de relativa tranquilidade, pois os poucos veteranos presentes não eram muito dados a surubar o saco dos candidatos a alunos da EPCAr. Eu disse: não eram muito... talvez por serem, também, aratacas e sulistas, enfim, laranjeiras convictos. Lembro-me de poucos deles: o arataca Lucena pela gozações escrachadas e o Caravelas, pelas picotações mais sérias.

Havia algumas gozações, tipo mandar segurar as canículas para vesti-los à moda dos alfaiates, arrumar as camas, coisas como "todo mundo em pé, quando eu passar por perto" e verdadeiros escândalos quando o Rebouças (Montgomery) chamava a camisa vermelha de "encarnada", eu a tangerina de "mimosa" e o Cavalin, ou algum outro gaúcho brabo, não lembro bem, meias de "carpins" e etc.... Havia conosco um gaúcho gente fina, do qual eu não lembro o nome. Era forte, acrobático e mais introvertido do que eu. Sempre que um "veterano" o via chegando nos alojamentos fazia-o subir os degraus plantando bananeira... e ele subia numa "nice"! Pena que foi barrado na inspeção de saúde.

Bem, levando a vida nestas brincadeiras e aprendendo a conviver em coletividade adversa, quando chegou o dia 23 meu pai apareceu por lá e fomos para Curitiba, onde pude matar as saudades e

contar mil novidades. Foram os meus primeiros vinte dias fora de casa. Nada mau para um paranaense do interior, aos dezessete anos de idade. Um bom ensaio para as próximas saídas, que seriam contadas em meses ou, quem sabe, em anos.

Dia 05 de Março: Era uma segunda-feira. *Volta ao Rio de Janeiro e o meu regresso ao Campo dos Afonsos.* Se a Rodovia Régis Bitencourt hoje é um espanto, imaginem em 1962! Levava-se umas oito horas de viagem, até São Paulo. Depois, a viagem melhorava, através da Via Dutra.

Dia 06 de Março: *Levei trote físico, prá valer, pela primeira vez.* Aquele de "paga-dez" sem parar! Quando não são flexões, são pulinhos de galo ou polichinelos. *Foi de um "japonês" (?) do primeiro ano aviador. O Miglorância foi muito mais "sugado",* porque faziam trocadilho com o nome dele. Acabei rindo do lance e pagando bem caro por isso....

Dia 07 de Março: *Dia da concentração final para a partida para Barbacena. Foi ao lado do Aeroporto Santos Dumont, nas instalações do QG III (3.ª Zona Aérea).* Para a alegria dos mais fanáticos, *havia no pátio de estacionamento um jatinho "Paris" e um helicóptero H-13.* Acertou-se os finalmentes, foram conhecidas muitas caras diferentes, devido à presença dos candidatos locais, devidamente acompanhados por seus respectivos familiares e tivemos a *partida marcada para o dia seguinte, 08 de Março de 1962. Foi assim que embarcamos em diversos ônibus da "Útil" e caímos na estrada. Chegamos na EPCAr às 12:30. Hora do almoço!*



Escola Preparatória de Cadetes do Ar – 1962.

Desde a aproximação dos ônibus, após terem entrado nas instalações da Escola, até a parada no Pátio da Bandeira, fomos acompanhados por "milhares" de veteranos do segundo e terceiro ano, prometendo os mais variados tipos de suplícios, dentre tantas outras ameaças, gestos e gargalhadas cheias de expectativas.



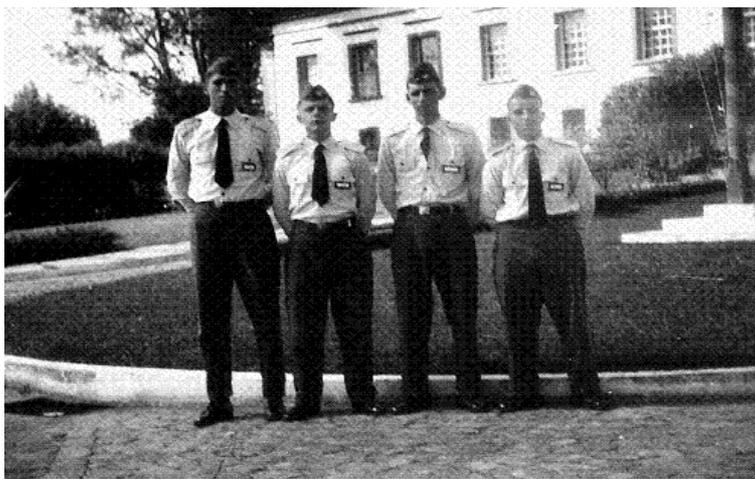
Flâmula da EPCAr.

Pena que a cena não foi filmada.... Alimentados, confrontados, receosos e descansados, chegamos à

alvorada do dia seguinte. Seria o nosso primeiro dia-cheio na Escola. Enfim, éramos alunos do primeiro ano! Compúnhamos a Terceira Esquadrilha, comandada pelo Segundo-Tenente-Aviador Fernando Wanderley Lara.

Dia 09 de Março: Foi um dia completo. *Recebemos roupas no almoxarifado, dentre elas o nosso primeiro uniforme: O Sexto (6.º RUMAer). Tiramos fotos na identificação, preenchemos fichas e mais um monte de coisas interessantes... Como nem tudo é cor-de-rosa, entrei na escala de plantão pela primeira vez.*

No dia 12, a 3.ª Esquadrilha cai na realidade: começam as aulas, logo com Física e Português. No dia seguinte acabou a moleza. Ficamos sabendo que à tarde teríamos Ordem Unida ou Educação Física... pra sempre! Nesta rotina, cheia de novidades, acabamos entrando no sistema e, por ele, sendo absorvidos.



Inaugurando o 6º RUMAer em frente aos jardins da Escola. Alunos Hoog, Nazário, Regnier e Ramalho.

Os veteranos viviam a euforia de escolher seus valetes, ou os que seriam seus peixes, por serem velhos conhecidos, e, deste modo, aliviados de certos compromissos desconfortáveis, tais como arrumar a cama do amo, engraxar os seus borzeguins, ir buscar a ceia, sem cuspir nela e etc e tal.

O mês passou voando! A maioria já estava adaptada à programação e cada um começava a ter suas próprias atividades extra plano de instrução. Diversos grupos de afinidade já começavam a se formar. O tempo correu e, para a alegria de todos, logo teríamos um licenciamento de uns cinco dias, quando poderíamos viajar e, os que tinham famílias mais próximas, passar uns dias em casa. Começavam aqui as odisséias dos ônibus fretados. Não sei como não aconteceu nada de grave, ao longo dos anos seguintes, pois eram uma verdadeira e ameaçadora zona sobre rodas....



Flâmula do primeiro ano – Terceira Esquadrilha.

Dia 18 de Abril: Era uma quarta-feira e *"tocou o licenciamento" logo após o término das aulas. Eu, laranjeira de carteirinha, estaria de serviço, provavelmente plantão de alojamento, até as 21:30.*

Com as instalações vazias, cada um caiu em sua própria rotina. Praça de esportes, piscina, ouvir música no cassino, tomar uma coca na cidade, ir ao cinema e fazer um lanche no Gino's. Às vezes,

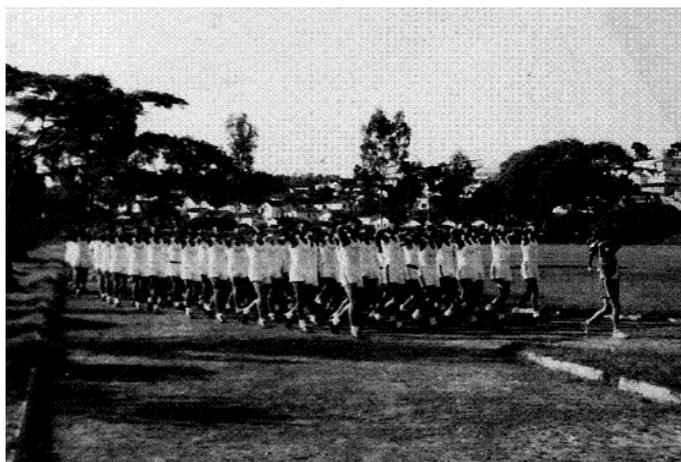
na volta, ao pé da subida para a Escola, onde havia um bar no estilo "anos quarenta", tomava-se uma saideira: um copo de groselha (capilé) com leite... Um programão! Nada mal para iniciantes. No campo das atividades internas, nada muito diferente do que a rotina da vida de "atretas neófitos", na melhor das hipóteses.



A 3.^a Esquadrilha em forma para a seção de Educação Física, no Pátio da Bandeira e em frente às instalações do Comando do Corpo de Alunos. Ao fundo, o Portão das Lavadeiras.

Não me ocorre nenhum acidente de percurso com mais alguém, porém, eu *acabei a semana no sábado, com o dedo indicador da mão direita destroncado*, devido a encontros, desencontros e, principalmente, confrontos com barras, paralelas e demais esportes, dos quais eu estava totalmente por fora. *Ora, eu que não conseguiria vaga nem pra gandula, estava dando uma de goleiro, numa partida de futebol de salão.* Só poderia dar no que deu. Foi até pouco! *Na segunda o dedo já estava um pouco melhor e, na terça, dia 24, terminou o licenciamento, exatamente às 21:30 horas. Era o maior tumultuo.* Não dá para descrever a zona que "os cariocas/bananeiras" aprontavam no alojamento, quando chegavam do Rio. Como o Montgomery, então Rebouças, não enfartou lá, não enfarta mais! O Santana, só reclamava baixinho e achava graça... Eu não tenho certeza, mas acho que o pseudônimo "Britosco" apareceu por aqui.

Dia 25 de Abril: *Alvorada às 06:00 horas, aulas de Física e Português. No dia seguinte, à tarde,*



Seção de Educação Física na praça de esportes.

tivemos aula de Regulamento Militar. Nossos monitores eram sargentos, e sofriam nas mão de uns e outros. Sempre havia broncas com os mesmos alunos, devido a perguntas sabidamente escolhidas por serem sem qualquer nexos, e irritarem os próprios. Pena que não estou lembrado delas, nem dos seus respectivos autores. *Na sexta-feira, dia 27, prova de Física. À tarde, verificamos que a Educação Física, que era denominada carinhosamente de "suga", começou a ficar mais puxada. Com raras exceções, todos acabaram aos cacos.* Mais um final de semana e a mesmice de sempre.

Na praça de esportes, normalmente cheia de alunos, eu já ia caindo de cabeça de cima das barras paralelas. Como o Deamon (62-141) me pegou pelo pé, salvou o meu pescoço.

No domingo, eu dormi até as dez da matina e não saí prá cidade. Aliás, não lembro de ter tomado algum café nas manhãs de domingos e feriados. Era sempre um lanche no "Bob's", uma lanchonete que havia embaixo e atrás do prédio do rancho, chamada assim por analogia aos "fast food's" do Rio, que possuíam esta mesma denominação. Uma espécie de gozação carioca, devido às exíguas instalações do barzinho local. Voltando às manhãs de folga, se não me falha a memória, o Galhardo deve ter tomado, no máximo, uma meia dúzia de cafés matinais, ao longo dos seus três anos locais bem vividos e dormidos. Que eu saiba, era ele o que mais se aproximava deste meu desempenho.

Dia 1.º de Maio: *O mês começou chovendo. E como choveu! Os aratacas ficavam olhando a chuva meio que admirados (Talvez não. O fato é que nestes anos as informações não eram tão abundantes, e quando se falava em Nordeste, era pra se falar em seca e falta d'água. Fora isso, eram as praias ensolaradas, e as noites estreladas, sem uma nuvem no céu. É possível que esta imagem estereotipada nos levasse a interpretar qualquer atitude deles como se fosse um deslumbramento. Para mim, chovia menos no nordeste do que no Deserto do Saara.).*

O dia seguinte também foi de muita água! Recebi correspondência de casa e deu para matar um pouco a saudade. Já começava a ficar acostumado com a vida longe da família. Faltava o aconchego, mas já estava sabendo me virar por conta própria.

No dia três, à noite, tivemos uma sessão de cinema, onde assistimos "O Moço da Philadelphia". Foi um bom filme, mas a zona no salão era tanta que mal deu pra acompanhar e entender o que se passou. No dia quatro, houve uma reunião "da turma do show". Imagino que tenha sido do "show dos bichos", mas não me lembro mais do que era e quem eram os componentes. A minha parte tinha a ver com a cenografia, com certeza. Começa o frio em Barbacena e as competições internas da Escola: A Taça Tenente Lima Mendes. Houve um desfile de abertura no dia seis, domingo, e a semana transcorreu entre aulas e disputas. No dia 11, uma sexta-feira, começamos o dia com uma boa prova de Matemática.

As competições eram diárias. Como faltou um "atleta" para correr os 200 metros rasos, para que, por algum artigo regulamentar a Esquadriha não perdesse pontos, fui participar. E vejam que eu não aguentava correr 100! Fui apenas para ficar em último e preencher um quadrinho, evitando perder pontos por "WO". Qual não foi o meu espanto quando me vi ultrapassando um dos concorrentes. Quase não acreditei! Olhei para trás e vi o Bukowitz, então aluno do segundo ano, resfolegante e dando tudo de si! Prá mim, ninguém corria pior o que eu! Como acabou assim, cheguei em terceiro, dentre os quatro que disputaram. Se o meu preparo físico era zero, imaginem o dele! Esta foi a minha primeira e última corrida, em qualquer espécie de competição.

No dia seguinte, sábado, fui ao cinema, assistir "O Alamo". Anotei que comecei a trabalhar na "JEC". Não me lembro mais o que eu fazia lá. Na segunda-feira, perdemos o futebol para a Segunda Esquadriha e, na terça, fizemos prova de Física.

Dia 16 de Maio: *Lá pelas cinco horas da tarde fomos orientados a ir ao almoxarifado, para receber o 5.º A RUMAer, o nosso uniforme de passeio. Foi o maior auê da paróquia! Todo mundo o experimentando assim que regressava ao alojamento. Não somente pelo fato da novidade versus curiosidade, mas, também, porque nem sempre as peças eram compatíveis com o proprietário. Por exemplo, eu troquei a minha calça, que estava muito curta, com a do "vinte" (Queiróz), que estava muito comprida e fiquei andando pelo alojamento, com o "vinte e cinco" (Miglórância), para ver se encontrava alguma troca mais adequada.*

Alguns trocavam até a túnica. Outros, já queriam dar um trato no quepe, para ficar "rasgado"! Tirava-se o forro e puxava-se o tecido para trás, marcando os gomos com água e frizando as dobras.

Depois de muita confusão, foram todos passar a ferro e arrumar o uniforme, para uma possível revista ou utilização no final de semana.



Desfile na cerimônia do Aniversário da Escola. Na testa: Hoog, Sotto Mayor, Miglorância, Daemon, Póvoas e Abel.

17 de Maio: *Está programada a última competição do torneio interno: o "cross country". Logo depois, haverá a cerimônia de entrega de medalhas e troféus. Paralelamente a estas atividades, tivemos um teste de Química. O próximo poderá ser de Desenho. Assim, chegamos à semana das comemorações relativas ao aniversário da Escola (Em 21 de Maio de 1950, pela Lei 1.105, o Curso Preparatório de Cadetes do Ar foi transformado em Escola). Salvo alguma confusão em minhas anotações, o domingo, dia 20, foi iniciado com passagens e rasantes individuais de uma esquadrilha de F-8, do 1.º Grupo de Caça.*



Gloster Meteor F-8 do 1.º G.Av.Ca. (Aerovisão N.º 5 – Julho/1973).

Sempre que havia este tipo de ocorrência aviatória, onde os pilotos meio que exageravam no limite das passagens baixas, quase todos os alunos corriam e se colocavam no alto do morro da caixa d'água. Os aviões ou vinham rasgando no sentido "portão das lavadeiras", e mergulhavam na praça de esportes, que ficava numa baixada, ou o faziam ao contrário, já que assim a chance era maior e o "Jesus está chamando" mais emocionante, levando a alunada ao delírio. Isso com os jatos! Quando eram os T-6, da Esquadrilha da Fumaça, a coisa pegava fogo. O pátio e as instalações ainda cheiravam a óleo queimado horas depois... No dia-a-dia, quando o ronco de um motor acelerado surgia durante uma aula, as tchúrmãs simplesmente voavam das salas para o Pátio da Bandeira, sem a menor cerimônia. Ainda bem que os Mestres e Oficiais do Corpo de Alunos assimilavam bem o espírito da coisa. Bons tempos que não voltam mais....

No dia 22, uma terça-feira, somente tivemos aula à tarde e, por conta disso, levantei à 10:30 horas. Não passei fome até a hora do almoço porque o Miglorância, em sua infinita bondade, havia me trazido um sanduba, na volta do seu café-de-manhã no rancho.

Dia 23 de Maio: Tivemos prova de *Química*. O teste anterior ajudou a passar raspando. *No dia seguinte, após comparecer a uma "justificativa de falta", no Comando da Esquadilha, devido a brincadeiras de mal gosto com o Queiróz, quando em forma, fui ao cinema, onde passava o filme "Filhos Amantes". Não lembro se ele ficou de "licenciamento sustado" (LS). Eu não fiquei.*

Chegou a sexta-feira e tivemos uma parada geral, com revista do Comandante e tudo o mais. Ficamos sabendo que teríamos este "paradão" todas a sextas, daqui para a frente. Chegou o sábado e entrei na escala, tirando plantão ao alojamento, às 16:30 e 22:00 horas, salvo engano. No domingo, fui assistir "Nua no Mundo", com a Gina Lollobrigida, Antonio Franciosa e Ernest Borgnine, todos em seus melhores momentos. Mais uma vez, encontrava-me com os cotovelos todos estropiados por ter me estabacado das barras paralelas. Parece-me que burrice não tem limite!

Dia 28 de Maio: Alegria geral na paróquia. Saiu o "soldo": Cr\$ 580,00. A semana passa normalmente, com *serviços e plantões no frio da madrugada*. Alguns já dormiam vestidos, inclusive de japona e "bat-butche", principalmente quando estávamos na escala de ronda, e tínhamos que andar pelas instalações da Escola, assinando "o ponto" das sentinelas.

Na sexta, primeiro de Junho, achei minha esferográfica Sheaffers, que andava sumida. Estava no bolso da minha canícula, enfiada no saco de roupa suja. Este era o tipo da organização que só perdia para a do Bosco, cujo armário era todo socado. Não havia uma seleção por prateleira, era tudo a mesma coisa! Certa vez, estando gripado, após um bom espirro, meteu a mão no bolso e tirou uma cueca, daquelas "samba-canção" de algodão e já amarelada pelas poucas lavagens e assoou o nariz melequento. Um espanto! Coisa que só mesmo ele fazia com a maior naturalidade... Depois de muitas gozações e gritos de "arrego arataca!", recolocou a cueca no bolso e continuou a caminhada como se nada de mais houvesse acontecido. Esse era o Bosco...

Dia 02 de Junho: *Saiu uma briga na cidade, entre alunos da Escola e rapazes da sociedade barbacenense (chamados comofos, por nós. As meninas eram as camofas).* Este estopim ainda daria origem a confusões maiores, num futuro não muito distante. Fiquei sabendo que *o único ferido tinha sido o 20 (Queirós), que havia levado uma garrafada!* Mesmo assim, com estávamos todos ricos, com o pagamento ainda quente no bolso, *fui jantar uma pizza na Bela Napoli, juntamente com outros dois milionários: O Lord Regnier e o delicadíssimo Menezes. O domingo foi normal e, para variar, levantei às 10:30 horas. Desta vez a alma bondosa foi o Daemon, que me trouxe, do rancho, um pão com queijo e manteiga.*

Dia 04 de Junho: Começa uma nova semana na mesmice rotineira dos "alunos" não muito dedicados às lides intelectuais: *Educação Física; designação para treinar um ou outro esporte, testes e provas de Física, Matemática e demais matérias. Enfim, estudar por conta das notas* sofríveis e *ir ao cinema ver "Pão, Amor e"* (Não estou lembrado se o título era "e...Fantasia", com Gina Lollobrigida e Vitorio de Sica ou "e...Ciúmes", com o mesmo elenco).

Chega o sábado e *começam os bate-bola na praça de esportes, ir para a cidade, cinema no Palace* e alguns já explorando, ou mesmo, já tornados frequentadores quase veteranos, dos "nigth clubs" da "Dorinha" e o "Nigth and Day", logo ao lado. Neste domingo, com alguns trocados sobrando no bolso, *mais uma pizza na Bela Napoli, agora com o 25 (Miglorância) e o 145 (Regnier), após termos ido dar uma olhada na sinuca, onde sempre havia os alunos dedicados e experts no esporte.*

Dia 11 de Junho: *Nesta segunda, tomei conhecimento da minha nota na prova de Física e quase não acreditei: 8,5! Creio que exagerei no estudo. Também fomos reunidos para uma reunião no auditório, com o Coronel Jardim, Chefe do Departamento de Ensino. Consta que foi "legal", mas não estou lembrado do assunto. Tivemos Educação Física, esta cada vez mais puxada, e corte de cabelos. Lembro-me de que quando corríamos pelas ladeiras da cidade, durante a suga, eu passava o tempo rezando para que tudo acabasse rapidamente e de forma indolor. Quando regressávamos ao Pátio da Bandeira e comandava-se o "FORA DE FORMA!" eu mal podia acreditar. Era como sair do inferno e acordar no paraíso.*

No dia seguinte, 12, fizemos prova de Química, teste de Desenho e recebemos as notas de Matemática. Tirei 5,5. Tudo de volta à normalidade. Anotei que depois houve uma despedida do Major Médico do efetivo, transferido para São José dos Campos. Provavelmente era o comandante do nosso Hospital.

Chega o meio da semana e fomos ao cinema assistir "Viajem ao Centro da Terra". Como havia um "Janjão" de uns dois metros entre os personagens, levei um tempão sendo chamado de "Hans", o nome do personagem. Um saco! Sexta-feira, prova de Química. Foi fácil, por sinal. Depois, show de um mágico visitante no auditório e aula extra de Desenho, à noite.

O sábado começou com uma marcha matinal de 8 quilômetros, com quase todos nós retornando em fase de pré-stoll. À noite, para variar, cidade e cinema. Mais um domingo levantando às 10:30, só que, desta vez, sem pão do rancho, mas, com dez pães-de-mel, ingeridos durante o lanche no "Bob's".

Dia 18 de Junho: A segunda-feira tem início com um teste de Física, no qual tirei quatro e meio, tudo normalíssimo para o meu nível de dedicação. Outro dia chega e mais provas e aulas. Agora foi Português e, à tarde, aula de CPM, ministrada pelos heroicos sargentos monitores, que sofriam um bocado nas mãos das turmas.

Nesta quarta, pré-Páscoa dos Militares, muitos confessaram-se para a comunhão do dia seguinte. Inicialmente, houve uma formatura geral, em formato de cruz. Foi uma bela cerimônia, contando com a presença de escolas femininas, autoridades civis e militares da cidade. Tudo se passava no pátio do Cassino dos Alunos (o velho). No dia seguinte, 22, apenas a rotina. Passei um telegrama para a minha irmã, que aniversaria no dia 23. No sábado, embora eu não lembre de nada, consta que tivemos uma grande festa na Escola, com baile, queima de fogos de artifício e uma bateria de bombas.



Páscoa dos Militares. Cerimônia em frente ao Cassino dos Alunos.

Dia 25 de Junho: Começa uma nova semana e temos instrução de tiro: 13 secos e 15 reais. Fiz uma boa média: 85%. Não me lembro se havia entre os alunos, ou era apenas eu (?), a mania de escrever para as empresas norte-americanas e canadenses que fabricavam aeronaves, solicitando material de propaganda, basicamente fotografias. Por conta disso, vira e mexe eu recebia os envelopes recheados de material promocional. Elas nunca deixaram de responder! Será que ainda funciona assim?

Numa dessas fotos aparecia um veículo voador esquisitíssimo, parecendo um chinelo recortado. Denominava-se "Dyna Soar" – parece-me que este nome originava-se de "Dynamic Soaring". Anos

mais tarde, fui saber qual era a sua finalidade: Eram os estudos preliminares para a criação do "Space Shuttle", o Ônibus Espacial.

Na terça-feira, recebi um material da "Canadair", com excelentes fotos. Neste dia, ainda, chegou uma grana extra de casa, o que me permitiu começar a planejar a reserva de passagem para as férias, a terem início daqui a uma semana. Vivendo-se a euforia pré-licenciamento, fomos agraciado com o pagamento do soldo, às 15:00 horas do dia 29. Já era sexta-feira e a folga teria início no dia seguinte, às onze e trinta da manhã. Estava um calor fora de época e suávamos em bica em nossos uniformes de passeio.

Já em Curitiba, fui me apresentar na EOEIG, no dia dois à tarde, mas quebrei a cara, porque não havia expediente. Voltei na terça pela manhã, com o Nazário, e tudo se resolveu. O mês de férias passou como um relâmpago, cheio de emoções e novidades. Neste piscar de olhos, lá estava eu, às 21:15 do dia 30 de Junho, na revista de alojamento, à vontade junto às camas, pelo término do licenciamento. No dia 31 não tivemos aula, mas, sim, uma palestra no auditório. Recebi um material da Boeing. No dia primeiro de Agosto, apareceram três P-16 e fizeram diversas passagens baixas sobre as instalações da Escola. Para não fugir ao riscado, o maior auê e alegria geral!



P-16 durante um pouso na pista do NAeL Minas Gerais

À tarde, ficamos sabendo que havia caído um P-15 em Alagoas e que todos os tripulantes haviam falecido. Mal sabia eu que, dez anos mais tarde, em 1972, estaria encarando, neste mesmo tipo de aeronave, disparos de hélice, limalhas no motor e queda de compressão em voo, levando-me a fantásticos e inacreditáveis procedimentos monomotores! A Bruxa deve ter se divertido um bocado comigo, e gostado, porque livrou a minha cara, e ainda vem livrando, pelo menos por enquanto...

Dia 02 de Agosto: Uma quinta-feira. Todos de olho no final de semana. Para esquentar, a ordem-unida foi geral, para todo o CA. Foi dia de corte de cabelos e de cinema. Não fui ao filme, fiquei no alojamento dedilhando o meu violão, recém trazido no retorno das férias. Eu já conhecia muitos acordes, mas não sabia acompanhar melodias, ou alguém cantando, porque era tão desafinado quanto é possível a algum ser humano ser. Não dava, e ainda não dá, nem para cantar "parabéns a você". Até os hinos eu levava a meio volume, para não estragar o conjunto. Nem assoviando era possível!



Ele, o violão! A paixão do Marcelino...

Eu ainda tenho um sentimento de que não aprendi a tocar e cantar por culpa do Marcelino. Ele não podia me ver ensaiando qualquer coisa que vinha, em geral de toalha e tamancos, até a minha cama e falava algo assim:

- Hoog, leva um sambinha aí...

... e saia com ar de riso e fungando:

- sninf, sninf, sninf...

Quando eu estava por perto, também ouvindo alguém mais tocar, ele saía-se com esta:

- dá pro Hoog levar uma, aí, dá!...

Esta cena repetiu-se umas mil vezes e até hoje tenho uns bons pesadelos com ela. Isso tudo, sem falar no barulho dos tamancos dele no piso de tacos do alojamento...um verdadeiro inferno em vida!

Pois bem, este violão me acompanhou até Fevereiro de 1972, quando fui transferido de Natal para Salvador. Havia um atendente no bar do cassino, aquele que nos preparava os famosos sanduíches de patê- quente. Sempre que ele via o Tenente Celion tocando e cantando, comentava que o sonho da filha dele era ter um violão daqueles para aprender a tocar. Eu ainda não arriscava "um sambinha", mas emprestava a "viola" pra quem soubesse.

O Celion, por sua vez, tocava violão, arranhava no piano, no acordeon, levava samba-canção na harmônica de boca, batuque em caixa de fósforo e por aí em diante, sem falar no bom papo, humor, nas piadas e no apetite gigantesco – Quando íamos jantar na "Espaguetelândia", lá em Natal, ele pedia um Espaguete duplo e um Filé à Parmegiana... chega? Finalmente, na saída do cassino, partindo para Salvador, fui até o bar, chamei o "barman" e lhe entreguei o violão:

- Toma, leva pra sua filha aprender.

Esta foi uma das vezes que, com certeza, proporcionei um momento de alegria a alguém. Só vendo! Foi bom pra ele e foi bom pra mim. Também fiquei feliz, com a felicidade dele. O violão tinha uma pequena rachadura na parte inferior, coisas do Rebouças (62-27), causada em algum momento de 1962 para cá, mas o som continuava bom. Quem não soubesse nem via.

Dia 03 de Agosto: Chegou a sexta-feira, *entrei na escala de plantão, fui treinar basquete* e, para fechar a semana, embora não lembre o porquê, *fiquei de LS2 (Licenciamento Sustado sábado e domingo). No sábado, enviei uma carta para a United, solicitando fotografias e passei o resto do final de semana "tocando violão" e comparecendo à revista de uma em uma hora. Um saco!*

Nesta época, treinávamos rolamentos. Corríamos e saltávamos sobre um determinado obstáculo, mergulhando de cabeça e rolando, quando tocávamos o solo. Poderia ser no tatame, mas, neste caso, estávamos na grama. Pois bem, num destes dias, treinávamos acompanhados pelo Capitão Bayard (isto até poderá ter ocorrido no segundo ano, não me lembro bem). Todos haviam entendido o espírito da coisa e, pior um e melhor outro, fomos levando.... menos o Sabóia. O Capitão explicava, mostrava, mandava alguém saltar e o fazia repetir o mergulho. Ele corria, saltava obstáculo, uma moita do jardim, e caía de peito na grama. Quando começou a cair de cabeça, o instrutor ficou preocupado com o pescoço dele e o dispensou deste tipo de exercício. Como a canalha imunda, que se divertia assistindo o sofrimento do Sabóia, estava rolando na grama de tanto rir, acabou sendo devidamente mijada e expulsa do pedaço.

Não me lembro de ter visto o Capitão Bayard tão mal humorado novamente. Tempos depois, eu estava parado junto a Estação Rádio BQ, quando passou um C-47 e deu a mensagem de posição. Logo depois voltou a transmitir mais ou menos assim:

- Rádio Barbacena, FAB 20XX ...

- prossiga, 20XX.... boa tarde!

- Aqui é o comandante da aeronave, Capitão Bayard, (deixou uma mensagem geral, da qual não

estou lembrado e..) ... queira transmitir ao Corpo de Alunos um grande e saudoso abraço... Força Aérea 20XX.

Nunca mais estive com ele, nem o vi. Soube anos mais tarde que havia falecido.

Dia 06 de Agosto: Chegou a *segunda-feira* e começa-se tudo novamente, com algumas raras variantes: *Carta para casa, cortar o cabelo, roupas para a lavanderia, bater uma bola. Na terça, uma boa coisa: Saiu o soldo e, neste mês, pagaram cerca de C\$ 1.680,00. Uma festa! Na quarta, mais correspondência e instrução. Para variar a mesmice, o Tenente Carneiro ("butch-brim") surgiu pilotando um T-6 e quebrou o pau sobre a Escola. Foi o maior sucesso!* Ele sempre andava de sexto ou sétimo uniforme usando calças de brim bem desbotadas e a famosa meia-bota preta, daí porque o chamávamos assim.

Após as suas acrobacias, surgiu um NA T-6 da Fumaça, mas passou direto, para a decepção da alunada. Na quinta, recebemos insígnias no almoxarifado, fizemos teste de Química, Ordem Unida, ginástica (suga) e, à noite, palestra no auditório, sobre temas astronômicos. Amanhece a sexta: "paradão", aulas e receber cartas de casa. Sábado e domingo dentro da mesmice histórica, tendo eu levantado às onze da matina dominical.

13 de Agosto: Nova semana pela frente. *Hoje foi dia para corte de cabelos, para receber cartas, treinar basquete e entregar roupas na lavanderia. A turma aprontou uma zona tão grande nesta que quase quebrou o balcão de entrega, ficando a Esquadilha a um triz de pegar um LS geral. Na terça, outras correspondências e Ordem Unida a tarde toda, sem descanso.*

A quarta-feira foi levemente diferente: *recebi uma carta do meu cunhado, que encontrava-se nos EUA. Ele me enviava recortes de jornais com as notícias de lá, sempre que se relacionavam com a aviação, conquista espacial, etc. Após a Educação Física, desci para a praça de esportes para bater um vôlei, pois havia um time com cinco garotas para jogar - que foram levadas por um dos sargento monitores da área. Como nunca fui muito bom de quadra, de qualquer esporte, embora não tenha pagado nenhum mico relevante, acabei todo esfolado e amassado, devido a uma capotada espetacular. Devo ter sido meio que cômico correndo atrás de uma bola impossível e desnecessária, que se eu tivesse deixado em paz teria sido ponto nosso, mas, como meti "o mãozão" nela, foi ponto deles: mas valeu à pena e todos se divertiram! Não me lembro bem se fui ovacionado pelos adversários..... ou xingado pelo meu time, aos berros. Quem sabe? Ouvi apenas a gritaria.*

Na quinta, recebi mais uma carta de casa e, à noite, fui ao cinema. Foi uma gritaria tão grande que interromperam a seção. O Tenente Carneiro pagou a maior mijada, com ameaças de desligamento em massa, em grupo, e tudo o mais. Mesmo que a seção cinematográfica transcorresse dentro da maior normalidade, havia essa balbúrdia toda. Caso o filme desse uma tremidinha que fosse, o mundo vinha à baixo!

Na sexta-feira, por algum motivo e alegria geral, a alvorada atrasou. Ao longo do dia recebi cartas (nesta época eu tinha muita disposição para correspondência, um verdadeiro "saco de ouro", e mantinha contatos regulares, além da família e amigos, com três garotas: uma no Canadá, outra no Chile e a última em Fortaleza) e à noite fomos ao cinema assistir um filme sobre o "Voo do Astronauta John Glenn".

Glenn era piloto da Força Aérea Norte-Americana, condecorado na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia. Em 1959 foi um dos escolhidos para integrar o primeiro time de astronautas da NASA. Foi o primeiro norte-americano a ficar em órbita da Terra, ao realizar quatro órbitas em 20 de fevereiro de 1962, a bordo da Friendship 7, nave do Projeto Mercury.

Os soviéticos já haviam orbitado o planeta muito mais vezes. O sábado e o domingo chegaram e passaram sem maiores novidades.

Dia 20 de Agosto: *Acordei não me sentindo muito bem. Aulas, tratar da correspondência e instrução geral. À tarde fui treinar um basquete e descobri que estou melhorando: já acertei a*

tabela... Na terça, tivemos uma aula coletiva no auditório e, mais tarde, um "papo legal" com o Major Cassiano, Comandante do Corpo de Alunos, na capela da Escola. Versou sobre oratória em geral e aviação.

No dia 22, a Educação Física foi dentro dos conformes, isto é, cada dia mais puxada, já que a turma ia melhorando o físico e seu respectivo preparo. A corrida pelas ladeiras continuava me matando. A hora do banho foi marcado por uma algazarra acima da que normalmente ocorria. O caldeireiro era xingado aos berros e em coro. Xingavam a mãe, o pai, a família toda do coitado. A água estava gelada e o prédio dos alojamentos parecia um canil enfurecido! Algazarra pior, só quando arrebatava ou queimava um filme durante uma seção de cinema. Ai, quem sofria era a família do operador...

Na quinta, passou o filme "April Love". Novamente "tudo como dantes no quartel de Abrantes": a algazarra foi tal que o Aspirante IG Oliveira mandou interromper a seção. Tudo normalíssimo. Hoje, dia 24, não houve EF, pois tivemos uma palestra no auditório. Recebemos uma licença para irmos à cidade, de 16:00 às 21:30 horas.

Novamente sábado, aula, cidade e cinema. O bandão foi assistir "Corsário Sem Pátria". O domingo foi diferente devido a iniciativa de alguém da pá (patota) que eu não lembro mais qual foi. Enfim, foi um de nós três. Eu, o Germano (62-33) e o Britto (62-61) fomos ao Aeroclube de Barbacena e voamos uns 15 minutos em um Aeronca local. Vibração total. Parecia que tínhamos voado, e pilotado por uns instantes, um Spitfire ou uma nave espacial! E tome de dar chance!

03 de Setembro: Chegando o dia do desfile de Sete e Setembro, não tivemos Educação Física. Esta, foi substituída por Ordem Unida intensiva. Além disso, fomos entregar roupas na lavanderia e, depois, ir ao rancho; no dia seguinte, tirar plantão e atualizar a correspondência em geral. Dia cinco foi dureza, pois fizemos um marcha de 7 km em ombro-armas e, vez por outra, cruzar-armas, para descansar o braço. Fomos até o pontilhão da BR-3 e regressamos. Todos cansados. Se calos e braços dormentes valessem dinheiro, estavam todos ricos...

Chega a véspera do desfile e à tarde não tivemos a segunda aula. Foi-nos dado o tempo para pegar o "material branco" no almoxarifado e dar um "banho-de-vareta" nos respectivos mosquetões, modelo 1908/BR (soube que era "BR" porque algum técnico nacional em material bélico idealizou aquela "telha" de madeira que havia sobre o cano da arma, para evitar que as mãos queimassem ao esquentar com os tiros – um espanto!).

Sexta-feira, Dia da Independência. Alvorada, café e formatura geral. Saímos da Escola às 07:20 e regressamos às 11 horas. Muita gente nas ruas e muitos aplausos na avenida. Este foi o primeiro desfile externo de uma série de muitos outros, para uma boa parte da Terceira Esquadilha.



Desfile na avenida. Tenente Lara comandando a 3.^a Esquadilha.

Eu, pelo menos, compareci como tenente, capitão, major e tenente-coronel. Neste último posto,

fechei a série com "chave de ouro", comandando a tropa da Base Aérea de Salvador: a uns cinquenta metros do palanque das autoridades, caprichando no passo e na distância da banda de música, começa a entrar o som da banda do Exército. A cadência da tropa foi para o espaço sideral. Não olhei para trás, mas ouvi o som do mico que eu estava pagando. Só me restou mandar o corneteiro dar o toque de continência com força máxima, "abater minha espada", e passar com se nada estivesse errado. Embora já se tenham passado uns bons 23 anos, não deixo de lembrar da fisionomia do Comandante da Base, ao lado do Governador, do General Comandante da VI RM e do Almirante, Comandante do II DN. Ainda vivo a sensação de que paguei um tremendo "King Kong"!

Bem, voltando à rotina dos alunos, *tivemos licenciamento geral à tarde, que se prolongaria até o dia 12 à noite*. Debanda geral para os cariocas, a maioria, e para alguns outros. O laranjal volta a cair na rotina de coçar até sangrar. Na minha linha de ação, *levantar às dez, levar roupa na lavanderia, praça de esportes, cidade, correspondência, cinema, jogar sinuca, comprar fotografias do desfile e, às 21:15 horas do dia 12, uma quarta-feira, regresso dos bananeiras: zona total no alojamento, bate-boca, travesseiradas nos laranjas dormindo, cobertores puxados, palavrões, xingamentos, mãos envolvidas e por aí se vai, até que todos se cansam e vão dormir*.

Dia treze fez muito frio e garou o dia todo. Entrei na escala de plantão, aquele dos bons, das quatro às seis. Este era o pior de todos, para mim, por ter que emendar com o dia de expediente. E tome de dormir durante as aulas. Alguns chegavam ao extremo da cara-de-pau de levar o pelerine e um travesseiro para a sala, cobrir a cabeça e dormir de babar na carteira.

Neste dia *passou no cinema o filme "Ice Palace"*. Não fui assistir e preferi ficar dedilhando o violão, com o Marcelino me picotando o saco ao lado. *Sexta-feira calma e sem EF matinal, por conta da chuva. Enviar e receber cartas, frio, e, sábado, apenas um filme no Cine Orfeu. Domingo, o dia melhorou e ficou sem garoa. Levantei às dez e meia e, à noite, fui ao Cine Apolo*.

Havia saído com o 27 (Rebouças), que numa virada de esquina cruzou por um elemento fardado provavelmente da Banda Municipal, ou de alguma escola, e "pagou" uma continência caprichada. Foi a maior gozação. Ele nega e diz que não fez nada...

Dia 17 de Setembro: *Fizemos um teste de Física, que para mim foi normal. Tirei cinco! Também fizemos teste geral da Educação Física. Neste, melhorei um bocado, mesmo tendo passado o dia meio febril. Acordei na terça com o corpo todo doído e sentindo-me fraco. Quase não comi nada no café da manhã e fui direto para a revista médica. Não deu outra: Estou com rubéola! Vitamina C e cama, baixando à enfermaria.*

Passei a quarta-feira de molho e mais uma injeção e, na quinta, tudo novamente. Hoje saiu a maior briga no hospital, entre um do efetivo dali e mais outros três internos contratados, desconhecidos para mim. Pelo menos quebrou a rotina dos doentes.... O médico fez a revista e me deixou mais um dia de molho, pois ainda estava com um pouco de febre.

No sábado, deram-me alta depois do almoço e fui pra cidade, "olhar a maratona no Estadual"(?). Domingo não saí, fique mexendo com os foguetes e combustíveis sólidos da Aerotécnica (acho que a sigla deste grupo era CAA – algo a ver com aeroespacial e astronomia, provavelmente).

Dia 24 de Setembro: *Passei o dia com uma tosse forte. Recebi o resultado do teste de EF: tirei 76. Entreguei roupa suja na lavanderia e fui dormir mais cedo. Na terça, tratei da correspondência, fui buscar roupa na lavanderia, da semana anterior, e, à noite, para a alegria e realização do Marcelino, fui ensinar alguma coisa de violão para o Carvalho (62-135).*

Hoje, dia 26, não houve parada nem Educação Física. Parece-me que há uma suspeita de alastramento da rubéola. Com o "grupo de cientistas" reuni-me no CAA, para discutir sobre o combustível sólido a ser utilizado e outras filigranas mais. Já na quinta-feira, soubemos que havíamos encerrado a matéria de Química, na maior alegria. Não houve parada e, à noite, passou "Raposa do Mar" no cinema. Contava o confronto entre um contra-torpedeiro norte-americano e

um submarino alemão, durante a Segunda Guerra Mundial. *Nesta sexta, novamente, não houve parada nem EF.*

As licenças para ir à cidade foram canceladas. Confirmado o surto, neste sábado os alojamentos estão como se uma enfermaria fossem. Há uma epidemia de rubéola. Sairão apenas aqueles curados, como eu. Fui ao cinema. Mesmo sem rubéola não me sinto muito bem.

Dia 1.º de Outubro: *Comecei esta segunda-feira mal. Não comi nada no café e não tenho apetite desde ontem. Mandeí carta para casa e não consegui jantar. Sinto-me muito fraco e enjoado. Acordei neste terça ainda pior. Não fui ao café e me dirigi direto para a enfermaria, onde passei a manhã deitado. Não deu outra, baixei hospital ao meio-dia, com mais do que eu esperava: HEPATITE!*

Daqui prá frente, terei que encarar muitos medicamentos e uma dieta total e absoluta, tipo zero gorduras e excessos gastronômicos (apenas arroz, salada, purê e bife de carne vermelha ou frango, tudo sem sal e sem gosto – a sobremesa era sempre suspiro com Karo e alguma fruta – na ceia, vinham torradas, bolachas, tipo água-e-sal e mate). Todos os dias...

Pela manhã, sempre colhiam sangue para verificar o nível de bilirrubina e eu era medicado. No dia cinco, escrevi para casa, contando a novidade. O Miglorância passou por aqui e levou minha carta para o correio. O Migli (o Miglorância também era chamado assim) voltou com um recibo de valor declarado, que assinei e devolvi a ele. Fiquei sabendo que meu pai enviara C\$700,00 para amaciar o orçamento. No sábado, recebi a grana em espécie.

O Ernani me emprestou uma Revista Seleções Reader's Digest e o 32 uma Mecânica Popular. No domingo, o Regnier me emprestou o seu radinho de pilhas e pedi a ele que comprasse uns biscoitos para mim, previamente autorizados e diferentes dos da minha rotina, para que eu pudesse variar um pouco a dieta das bolachas água-e-sal.

Dia 08 de Outubro: *Nesta segunda, escrevi para casa e enviei um telegrama pelo aniversário de um primo meu, o José Antonio. A minha maior atividade neste dia foi o tempo dedicado a abrir um vidro de Karo, meio que muito discordante da minha intenção. O dia 9 foi bom, já que o médico me informou que estou melhor e que a fase pior já havia passado. Recebi um pacote de casa, com agrados e guloseimas. Devolvi o rádio do Regnier e peguei o do Daemon. Agora que estou melhorando da hepatite, me apareceu um eczema no nariz. Incomoda mais do que a doença!*

No dia dez, a saúde mantém-se regular e a única novidade foi um forte estampido no ar. Era o lançamento de um foguete da turma do aerotécnica. Uma grande explosão, muita fumaça e "cientistas, técnicos e engenheiros espaciais" correndo lá do alto do campo de lançamento à baixo (morro da caixa d'água).

Os mais otimistas, seus construtores, supunham que ele havia sumido em direção de algum quintal da cidade, ou das cercanias da Escola, no maior sucesso de lançamento; os mais pessimistas e gozadores, grupo formado pela assistência, e a grande maioria, acreditavam que ele havia evaporado na explosão ou encontrava-se em algum buraco ali por perto, no máximo a uns poucos metros de distância.

Comentavam que "ainda bem que não morreu ninguém". Até hoje *não se sabe do seu destino*. Pelo menos nunca me contaram... Já é dia onze e, além do nariz, a pereba está agora, também, surgindo na orelha e na sobrancelha. Recebi várias cartas, mas ando meio sem saco de responder.

Chega o domingo no isolamento da enfermaria, onde resido, a ainda estou na rotina: *tirar sangue, injeções, medicamentos via oral, dieta suruba e a minha nova pereba, já aparecendo nas costeletas e no rosto. Que saco!*

Uma das poucas alegrias que eu tinha era a de ver, nas manhãs frias e em pleno chuvisco gelado, o pessoal passar correndo pelas escada que ligava a área dos alojamento ao acesso ao Pátio da Bandeira. Eu ficava nos basculantes do quarto gesticulando, ouvindo impropérios e torcendo: "vamo lá, cambada! vamo correr, varzeal!"



Uma foto tirada em 1964, na escada que leva ao Pátio da Bandeira. À cima e à direita, os basculantes da enfermaria.

Dia 15 de Outubro: *A surubona da pereba (eczema) começou a aparecer no lábio superior. Recebi uma pomada para passar nas crecas e organizei um pouca da correspondência atrasada. Com apenas uma aplicação da pomada, já estrava melhor no dia seguinte. Menos mal! Recebi uma carta do meu cunhado e escrevi outra, para não acumular. A dieta mudou um pouco, agora o rango é só arroz, bife e salada, mais consistente, e, à noite, uma canja bem caprichada.*

Dei uma grana pro Miglorância me comprar envelopes, blocos e selos e, no dia 18, recebi uma carta da minha prima Dorinha. Recebendo o material de escrita, respondi todas as cartas em pendência. Mais tarde, "piruei" novamente o rádio do Regnier e passei o tempo folheando um volume de enciclopédia, que me foi trazido pelo Montgomery.

Chegou a sexta-feira, mas, para mim, todos os dias já são iguais. Entrei numa corrente de postais. Envia-se um para o primeiro da lista e, depois de umas semanas, recebe-se um monte deles. Coisa de época... mas não lembro de quantos recebi. Chegaram cartas e pedi para o 60 ir buscar o meu relógio no conserto, o que foi feito com eficiente rapidez. Com grande alegria, recebi C\$500,00 e casa. No sábado, já melhor, recebi carta de um amigo da terra, o Nêni, respondi outras e recebi a tinta que o Póvoas comprou para mim (deve ser para caneta).

No domingo, já estou quase bom do eczema generalizado. Está muito frio hoje e a Escola vive um dia de visitas, devido à Semana da Asa, inclusive por alguns alunos do colégio Militar de Belo Horizonte.

Foi por volta deste dias que chegou um outro aluno com hepatite. Ele era do terceiro ano. Como havia terminado o medicamento oral, ele passou a ser medicado através de injeções intramusculares. Doía prá burro, fazendo-o ficar se contorcendo na cama. Eu ainda tinha um meio vidro, que não podia ser misturado.

Num destes dias, mais um aluno surgiu no isolamento. Este, do segundo ano. Ele estava com uma assadura na virilha, que se alastrava por toda a região adjacente. Uma senhora pereba! Ficávamos vendo ele passar um líquido, com um cotonete, na área afetada, mas, às vezes, este escorria para os "bagarotes" e pelo "roscoff" adentro. De imediato, ele saía voando da cama, aos berros e palavrões, e enfiava-se no banheiro, sob os olhares alegres, satisfeitos e divertidos da plateia cativa. O som seguinte era o do chuveiro e das nossas gargalhadas. Passados uns minutos, ele voltava com um sorriso de alívio: - Pô, queima e arde!

Isso acontecia todos os dias, para a felicidade geral da assistência doente e feliz.

Dia 22 de Outubro: *Ainda vivemo o semi-feriado desta semana festiva. No isolamento da toca, recebi cartas do meu cunhado, ainda nos "states", e uma de um amigo de Curitiba, o Wilson. O dia 23 amanheceu com a famosa "alvorada festiva". Desta vez, sem as rasantas de F-8's e T-6's, mas com as sempre bem recebidas marchas da Banda de Música da Escola. Como parte da solenidade, realizou-se o juramento à bandeira do pessoal da turma. Não fiz o compromisso. Ficará para o*

próximo ano... Na quarta-feira, novo exame de sangue. O Santana comprou uns selos prá mim, sempre na interminável faina de receber e responder cartas. Vacinação geral contra variola.

Chega o dia 25 e, na calma da enfermaria, até esqueço que o mundo gira e poderá estar pegando fogo lá fora. E está! É a crise dos mísseis em Cuba.

A situação mundial não é boa! Recebo cartas de casa, das minhas correspondentes e por aí vai. Soube do falecimento do meu avô materno, o Vovô Pedro. Eu o visitei nas últimas férias, quando ele já estava muito doente. Não reconheceu nem a mim nem a minha mãe. Escrevi pra lá. No sábado foi dado um licenciamento geral. A situação mundial piorou muito e os Estados Unidos e a União Soviética estão a um passo de um confronto atômico. Fidel Castro toca fogo e Nikita Krushev apaga! Paradoxalmente, este foi um dia dos mais monótonos para mim. Abrir vidro novo de Karo e só.

No domingo, dormi a tarde toda e só acordei para jantar. A crise mundial acabou em um acordo: Os Estados Unidos tiraram os seus mísseis da Turquia e a URSS tirou os seu do território cubano. Alívio geral...

Dia 29 de Outubro: *Amanheceu chovendo e ficará assim o dia todo. Além das correspondências, recebi uma boa notícia: Minha provável alta na terça-feira. Estou quase bom, embora esteja com um pouco de dor de cabeça. Terei que fazer um trabalho de Química, para compensar a prova que perdi. Fiz hoje, dia 30, e fiquei preocupado. Vamos ver se me safo da recuperação. Por algum motivo, serviram o jantar às quatro e meia da tarde! Não dei alta e pedi pro Regnier comprar uns trecos pra mim. Na quarta, 31, o Falcão me trouxe uma carta da minha irmã. Legal!*

Rompeu um pequeno sururu entre os enfermeiros e enfermeiras, mas acabou tudo bem. Mais medicamentos... Pela manhã do dia primeiro, fui informado pelo Tenente Médico Rômulo que já poderia dar o fora dali. Recebi uma carta de uma prima e saí da enfermaria, mas não posso sair da Escola.... ainda. É sexta-feira, dia dois, e ainda estou vinculado ao hospital. Posso andar internamente, mas tenho que voltar. Ia pescar com o "66 "(Ramalho) mas não deu certo.

No sábado fui e pegamos um monte de carás. Recebi mais quatro cartas, uma do Pai, outra do Marcus, uma do meu amigo Cláudio e mais uma do tio Wilson. Comecei a respondê-las. O domingo foi o dia do regresso de mais um dos famosos licenciamentos. Fui pescar à tarde e fisquei 48 carás.

Dia 05 de Novembro: *Dei alta da enfermaria, pra valer, cortei os cabelos e fui dispensado de esforço físico por um mês, além de levar mais 15 dias de dieta especial. Continuo respondendo às cartas atrasadas. No dia 06, soubemos que o nosso Comandante, o Tenente Lara, havia se acidentado de T-6, quase vindo a falecer. O 27 (Montgomery) arranhou um outro violão e ficamos arranhando por um bom tempo. Não me lembro da presença do Marcelino!*

Choveu a noite toda e continua chovendo na quarta, toda a tarde e toda a noite. Passei no re-embolsável e comprei uns biscoitos e uma lata de leite condensado. Depois do jantar, ficamos batendo um papo na sala de aula, em vez de estudar, até a hora da ceia. Os sacanas me deram um pão com pimenta. Quando percebi já estava comendo além da metade dele... Fez frio e choveu a quinta toda. À noite, passou um bom filme "vibrador" (de aviação): "Céu de Angústia".

A sexta-feira continuou fria e chuvosa. Começamos a recapitulação final de Física. Fui à cidade, no Banco do Brasil, e voltei com o Vale (62-110). Ainda tenho cartas a enviar. Substitui algumas por postais. Eles são mais fáceis e rápidos. Melhorou o tempo no sábado e deu cinema à noite, na cidade. Fomos assistir "Spartacus", com Kirk Douglas. Eu, o Migli, o Berto e o Regnier. O tempo estava bom...mas voltamos abaixo de chuva! No domingo, para variar, acordei às dez e dez da matina, agora por conta do Mário, me perturbando... de leve... à tarde fui dar uma estudada de Física e, à noite, fui com o Regnier para a cidade.

Dia 12 de Novembro: *Recebi carta das correspondentes e comecei receber postais da corrente. Aproveitei o embalo e escrevi para casa e para uma empresa dos EUA. Fui buscar o violão numa*

sala da primeira esquadriha, onde me ensinaram acompanhar o twist. Deve ter sido lance de veterano. Não há mais aulas de Física. Só prova! Fiz um teste oral de Física e tirei 9,5! Um espanto!

Continuo recebendo postais da corrente. Deram-nos folga após as cinco da tarde, mas não sai. Fiquei tocando violão (provavelmente com o Marcelino massacrando o meu cérebro!). Na quinta, não houve aulas, foi só praça de esportes e piscina. À noite, apenas estudar um pouco de Física.

Na sexta-feira, fizemos o teste e me dei um pouco bem. Novamente, à noite, violão e Marcelino. Lá pelas 21 horas passou por aqui um caminhão transportando a fuselagem de um C-41. No sábado, encaramos um teste de Matemática. Fui tão bem sucedido quanto no de Física. À tarde, fomos bater uma bola lá embaixo e, à noite, só deu chuva na cabeça. No domingo pela manhã, fui ver a entrega dos prêmios da maratona (?) e, à noite, assistir um filme mexicano.

Dia 19 de Novembro: Dia da Bandeira. Pela manhã, solenidade do compromisso prestado pelos soldados e, à tarde, muita chuva. Também tivemos Instrução Militar em sala. Recebi uma carta do meu amigo Guerra e um dos tão esperados cheques da casa. É dia 20 e continuo recebendo as minhas correspondências e respondendo. Aqui termina a minha dieta da hepatite. Fiz teste de Ordem Unida e emplaquei 6,5. Mais tarde, tivemos aula de Moral com o Tenente Lara. A quarta-feira amanheceu chovendo. No Clube de Astronomia passou o filme da missão de Glenn e foram postas perguntas à pesquisa. Valia uma excursão a São Paulo (Não lembro o que era ou para onde era).

A quinta amanheceu fria e chuvosa. Parece-me que hoje teremos a última revisão de Química. No período da tarde tivemos aulas sobre manobras militares, com filmes demonstrativos do Exército Norte-Americano. No cinema, à noite, passou "Da Terra Nascem os Homens". A chuva continua nesta sexta. Tivemos aula de como armar barracas, no terreno atrás do almoxarifado. Não consigo tirar o atraso das cartas, sempre falta responder alguma. No sábado, fomos à cidade e ao cinema. Fui com o Regnier em duas seções: "Konga" e "Trapézio". Domingo à tarde fiquei na Escola e, à noite, no Pinocchio (Bar anexo ao Cine Palace).

Dia 26 de Novembro: A segunda amanheceu muito quente. Soube que fiquei para recuperação em Química. Droga!... mas nenhuma surpresa. Fizemos prova de Instrução Militar, saiu o soldo e recebi correspondência de casa. O tempo ainda está bom na terça. Como tínhamos uns atrasados para receber, fui até a tesouraria fazê-lo, mas não deu certo. O Capitão estava em reunião no Comando. Lá pelas três da tarde, novos filmes sobre manobras militares.

O dia 28 amanheceu ainda mais quente. Fizemos outra prova de Instrução Militar e recebemos etiquetas individuais, para marcar as roupas. Dei uma rearmada no armário e, à tarde, fui com o Germano até o posto-rádio para ficar na escuta das comunicações com as aeronaves que passavam por BQ. Soubemos que um Boeing 707 havia caído.

Esta quinta fez ainda mais calor. Tivemos aula de como arrumar uma mochila. Durante a noite fui arranhar um violão com o 27 (provavelmente com o Marcelino por perto). Vivemos um surto de besouros! Com este calor, a bicharada está um saco! Hoje, dia 30, foi o grande dia do ano, pois encerraram-se as aulas e, à tarde, teremos um licenciamento geral, para ir à cidade. À noite, recebemos o material para a marcha que faríamos.

E tome de arrumar e rearmar a mochila. A coisa é mais complicada do que parece. Quando se coloca o cinto de campanha e a mochila nas costas, parece que quem os inventou e projetou caprichou no desconforto.

Partimos para a marcha no dia 1.º de Dezembro às sete horas da manhã, e chegamos ao local do acampamento às 09:30. O normal, foi montar a barraca duas vezes. Uma tentativa e um acerto. O sol estava de rachar! Tomei um banho no rio e fiquei de sentinela das dez às onze horas da noite. No domingo, almoçamos e retornamos para a Escola. Mas não foi tão fácil assim. A alvorada foi às cinco da madrugada, assistimos a uma demonstração de combate e, depois, realizaram-se jogos,

disputas e entregas de prêmios. A 3.ª Esquadrilha foi a vencedora!

O regresso, com o pessoal já cansado, foi dureza. Na ida e na volta passamos junto a um manicômio, com os internos agarrados nas janelas gradeadas..... Já nos limites da cidade, o Cerdeira não aguentava mais o peso da mochila e já ia se desfazendo dela, para largá-la na estrada. Eu estava ao seu lado, vi e a peguei, colocando-a sobre a minha. Um dos oficiais que estava por perto viu e, depois de uns poucos metros, mandou um cabo levá-la até o final da marcha. Que alívio!

Na terça, com todos exaustos, a alvorada foi à sete horas. Soube que haviam se enganado com minha nota de Química. Beleza, não fiquei na recuperação! Depois disso, reunião para todos no auditório, votos de boas férias, e licenciamento às 13:00 horas. Recebemos os atrasados e partimos para as providências finais. Botei minhas correspondência em dia num vapt-vupt. Enfim, as férias de final de ano.

O dia cinco chegou. Pela manhã, recebemos nossas respectivas guias de viagem e fomos a uma cerimônia geral no auditório, onde tivemos a presença de representantes do Ministro da Aeronáutica. Hoje choveu e fez calor. Saí com o Germano e fui aos Correios, retirar uma grana que chegou. Depois, comprei uns postais e alguns cartões de boas-festas.

Dia 06 de Dezembro: *O tempo amanheceu chuvoso, mas, mesmo assim, fui à cidade com o Nazário, para reservar passagens para Juiz de Fora. Embarquei às 13:15 horas. Em São Paulo, pegariamos um outro ônibus para Curitiba. Teria muito o que fazer até Março do ano que vem. Pelo menos era isso que eu esperava!*

Assim, lá se foi o primeiro ano da Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Já éramos veteranos e 1963 seria uma outra longa história.

II - Mil Novecentos e Sessenta e Três – 1963

Parece-me que não iniciei este ano muito disposto a grandes anotações. Nada até o mês de Abril. As férias foram preenchidas com idas e vindas a Guaratuba, um balneário no litoral paranaense, e "diversos" em Curitiba.



Flâmula do segundo ano – Segunda Esquadrilha.

Dia 21 de Abril: *Este foi o meu primeiro registro do ano, um domingo. Fui com o Britto até o "campo" (aeroporto) para "bater umas chapas" (tirar umas fotografias junto aos aviões locais). Fomos andando quase todo o percurso, até arranjamos uma carona (Não me lembro de que, nem com quem). Como suamos! Estávamos fardados de 6.º com queue.*

Pedimos ao pessoal de serviço lá que nos fotografassem junto ao T-6 G da Escola, o 1250. Ele estava com os respectivo calços e amarrado pelas fixações das pontas de asa, em argolas chumbadas ao piso de asfalto. Na foto aberta aparecem, mas editei um corte para o visual ficar mais realístico.



O Britto no cockpit traseiro e eu no da frente, em Barbacena.

Deixei de anotar alguns acontecimento referentes às disputas ao longo das competições da Taça Lima Mendes. O certo é que o confronto aumentava cada vez mais, parecendo que as Esquadrilhas eram formadas por inimigos mortais. O pau quebrava dentro dos limites dos jogos, mas raramente extrapolando o bom senso dos árbitros. Na minha opinião, o pior era o Polo Aquático. Ali a coisa pegava debaixo d'água! O Deamon que diga...



Time de basquete da da Segunda Esquadrilha. Em pé: Alunos Abel, Rosário, Gaia, Hoog, Bellon, Ten Lara; Agachados: Lopes, Britto de Mello, Soledade, Jordão e Giovan.

De qualquer forma, chegava-se sempre a um passo do confronto pessoal, principalmente quando eram disputas coletivas: no basquete, no futebol e etc. Passado este período, voltei a encontrar uma anotação no dia 21 de Maio, *o aniversário da EPCAr*. Foi semelhante ao do ano passado: *Na cerimônia, tivemos uma solenidade com o desfile do Corpo de Alunos, uma missa comemorativa e as tão esperadas passagens baixas dos F-8 do 1.º GavCa, com seus zumbidos inconfundíveis, que vim saber mais tarde, eram produzidos pelos orifícios dos seus quatro canhões de 20 mm, localizados no nariz, e uma demonstração da Esquadrilha da Fumaça.*



O Pátio da Bandeira ficava todo enfumaçado, com as passagens individuais raspando o mastro principal. O "isolado" mandava brasa. Era o que mais dava chance.

A próxima anotação, *dia 25*, conta que *tivemos um licenciamento geral*, que se prolongaria até o dia 02 de Junho. *Domingo, dia 26, fui com o Germano, para Belo Horizonte. Ficamos hospedados no*



Aluno Germano junto ao Aerocomander, na Pampulha

Destacamento de Base Aérea de BH, junto à Pampulha, bem longe do centro da cidade. Não saímos da Base. Ficamos jogando futebol de mesa no Cassino dos Oficiais. Na terça, fomos andar pelas instalações e chegamos até o hangar da Líder. Lá, acabamos participando de um voo de experiência em um Aerocomander. .

Foram uns 15 minutos de voo, tranquilos e felizes, dignos de quem não tinha a menor ideia de que a Bruxa sempre está de olho... À noite fomos até a cidade, onde encontramos o Montgomery, que deu uma facada no tche. Não me lembro se ele disse o que estava fazendo lá nem de quanto foi o empréstimo achacado.

Deixei a quarta em branco, mas, no espaço da quinta, anotei que *fomos à Paracatu*, uma cidadezinha localizada a noroeste do estado, na direção de Brasília. *Ficamos sem almoço e sem lanche*, já que embarcamos sem a devida programação necessária. *Fizemos três horas e meia de voo. Para grande motivação, foi-nos permitido dar uma pilotada no Beech, ao longo de vários minutos.* Ao chegarmos lá, estava um calor de rachar. Como a pista era de terra, quando o avião fez o pãõ para estacionar a poeira foi tanta que teve que parar até que fosse possível enxergar o pátio novamente. Ao sair da aeronave, tínhamos poeira e lama até nos dentes.



Aluno Hoog junto ao "mata-sete", C-45 1438, no aeródromo de Paracatu.

O C-45 era pilotado por dois tenentes do Destacamento. Como se não tivesse bastado o voo no Aerocomander, continuávamos a testar a paciência e boa vontade da Bruxa e J. Cristo. Inteligentemente, diz o ditado que "Deus sempre protege as mulheres, as crianças e os incautos"..... Não anotei se passamos o restante dos dias bundeando por lá e batendo papo ou regressamos a Barbacena. Domingo, de qualquer jeito, foi o final da festa. Consta: *regresso do licenciamento até*

às 21:15 horas. A revista foi "à vontade nas camas". Não anotei nada sobre a chegada, mas deve ter sido a mesma zona de sempre, por parte da cariocada, ainda mais que agora eram todos veteranos!

Mais uns dias em branco. No sábado, *dia oito*, anotei que aconteceram pequenas rixas na cidade, entre alunos e locais. Eu estava dormindo no alojamento, como tantos outros, quando entrou alguém gritando que estavam brigando na cidade e havia vários alunos machucados e surrados.

Creio que noventa por cento dos que ali se encontravam saíram vestidos até de ceroulas e japona, enfim, de qualquer jeito, com cintos de guarnição nas mãos, correndo através do portão da guarda, para desespero dos sentinelas cabos e sargentos. A coisa somente foi acalmar lá pela madrugada! *O ambiente ficou bem pesado. No dia seguinte, comentava-se que esta havia sido a maior briga local, desde que a Escola tinha sido criada!*

Do dia dez ao quatorze, deixei a caderneta em branco, mas lembro-me de que fazíamos patrulha pelas ruas, sob o comando de um oficial. Vestíamos o 6.º Uniforme com material branco e cassetetes. Quando não era um serviço em patrulha, com um efetivo de uns doze, fazíamos em dupla, onde passávamos em bares, entrávamos em cinemas e etc. Posteriormente, chegaram a enviar um grupo de PA's do Rio de Janeiro, para reforçar o patrulhamento. Foi quando os alunos não mais tiraram este serviço.

Dia quinze, sábado, novamente não houve licença para quem quer que fosse. Pra ninguém! Havia muita gente visitando a Escola, mas não lembro o porquê disso. À noite, tivemos seção de cinema. Ninguém saiu também no domingo e tivemos duas seções de cinema, com filmes "vibradores", sobre aviação. No sábado seguinte, ainda estávamos de "castigo", mas no domingo, dia 23, já pudemos ser licenciados novamente, porém, apenas em áreas restritas da cidade. Transitávamos apenas pelo centro e pelo trajeto de ida e volta à Escola.

Dia 29 de Julho: *Chegaram as férias de meio de ano e fomos licenciados com alguns saindo prontos pra viajar no máximo um minuto depois do toque. Novamente a epopeia dos ônibus fretados. Conta-e que, certa vez, um iluminado da nossa esquadrilha jogou uma carcaça de frango pela janela de um deles. Parece-me que foi lá pelas bandas de Juiz de Fora e acertou na cara de um pobre transeunte. Um frango no ônibus?! Êta varzeal pai d'égua!!!*

Para os laranjeiras, enfim boas notícias. O Comando da Escola conseguiu dois C-47 para levar os aratacas e sulista. Alegria geral! Domingo, levantamos às cinco horas da madrugada e fomos para o aeroporto. Após uma espera infundável, eles chegaram. Depois de umas três horas e quinze de voo, cheguei em Curitiba.

Os dias e noites em casa foram meio que padronizados. Encontrar e montar programas e encontros em intermináveis "brain stormes" com a tchurma da lá: Percy, Marco Guerra, Wilson, Vadeco, Roberto, Francisco, Eduardo, Claudio e João. Uns três deles já tinham um carro disponível e o programa da época era sair pela rua atrás de paqueras. O Guerra tinha um DKW, o Percy uma Kombi e o outro não lembro. Logo eu poderia me valer de um Fusca 1200, Azul Atlântico. Embora as esperanças fossem grandes, o índice de sucesso das missões era sofrível. Mal chegava aos 5%. Um fiasco!

Em geral, as noites acabavam em sinuca, pôquer ou, na maior tristeza, indo-se a um cinema! Quando pintava um dinheiro extra, *o programa era ir no Bar Cinelândia, ver o movimento e tomar um chopp maracanã, acompanhado de casquinhas-de-siri e marrecas de camarão. No início das férias, o Regnier andou por aqui. Fui procurá-lo mas não encontrei. De resto, era visitar os parentes e matar a saudade. Já no final, dia 31, sai com meu cunhado, Marcus, que já havia regressado dos states, para ir comprar um bagageiro para o Gordini dele.*

Saimos de Curitiba às dez e trinta e fomos para São Paulo, onde chegamos às três da tarde. Fiquei por lá e, dia primeiro, fui cortar o cabelo e reservar uma passagem para Juiz de Fora. Embarquei às 22:10 horas do dia dois e viajei lendo um livro de bolso do "Shell Scott". Dormi e acordei com o ônibus chegando na rodoviária, à sete e cinquenta da matina. Remarquei às oito e trinta para BQ

e já almocei na Escola.

Enfim, lar-doce-lar. Hoje, sábado, fui à cidade, e, para variar, ao cinema, assistir "Taras Bulba". Domingo, último dia das férias, novamente no cinema, onde passava o filme "Robin Hood". À noite, o grande regresso, com revista "à vontade nas camas" e posterior arruaça dos bananeiras, bate-bocas, ameaças de morte e reclamações infundáveis, sempre dos mesmos para os mesmos.

Dia 05 de Agosto: *Começam as aulas e temos uma reunião no auditório. O Falcão apareceu com um aparelho de morse e ficamos picotando a saco coletivo com o som do di-di-dá-dá. Recebi uma carta da minha correspondente cearense e respondi. Na terça, saiu o pagamento e escrevi para a General Electric. Apareceram uns repórteres da revista Manchete, aqui na Escola. Fariam uma série de fotos para uma reportagem. Continuei com a mania do telégrafo...*

Na quarta, cinema e dia de corte de cabelos; na quinta, que amanheceu muito fria, fui levar roupa para a lavanderia e ao cinema, de novo; na sexta, que amanheceu com o tempo frio, recebi uma carta da turma de Curitiba. Também houve "show na turma B"(?), mas não fui, porque tinha uma reunião (?) para ir. Sábado, dia 10, escala de plantão, jogar "totó" e coçar até arrebentar. No domingo, mantive o meu padrão comportamental: levantei às dez, à tarde fui à praça de esportes, treinei um pouco na barra, caí na piscina e, à noite, com o bando todo, fui à cidade.

Dia 12 de Agosto: *Temos aulas no novo pavilhão de aulas, construído lá para os lados do almoxarifado, alfaiataria e lavanderia. Ando meio fora de forma e todo doído. Talvez seja consequência dos exercícios mal feitos na barra. Depois da educação física, desci e fui treinar um pouco, além de bater uma bola no basquete. À noite, restou-me ler mais um libreto do "Shell Scott".*

Ele era um detetive particular com dois metros de altura, ex-fuzileiro naval, cabelo ruivo cortado escovinha e, sempre, de terno, que resolvia todos os casos complicados da Polícia de Miami. Numa das suas situações antológicas, ele estava pendurado pra fora da varanda de um apê no enésimo andar do prédio, onde vivia uma mulher lindíssima, é claro, para esconder-se do vilão, que havia chegado lá e era "dono" da diva. Quando este, desconfiado e procurando-o pelos quartos, chega na sacada mas não o vê, ele, desarmado, conjectura para os leitores:

- Só me resta cuspir em seus olhos...



Aluno Hoog, em frente ao pavilhão de aulas recém inaugurado. No andar de baixo, eram as instalações do novo Cassino dos Alunos.

O dia 13 amanheceu menos frio. Quando um grupo conversava no corredor do pavilhão de aulas, o novo, o Brandão se apoiou na parede de combogó e esta foi abaixo, com ele quase caindo do primeiro andar (ao longo do prédio, de espaço em espaço a alvenaria comum era substituída por uma parte equivalente vazada, para otimizar a ventilação). Alguns oficiais do Comando não acreditaram que havia sido um acaso, supondo que a causa da queda teria sido, com certeza, alguma confusão ou arruaça aprontada pelos alunos. Um deles subiu em uma das paredes e sacudiu-a com toda a força, para mostrar que era uma construção sólida e não cairia à toa. Deu sorte, porque

realmente não caiu...

A educação física continua puxada. Durante a tarde tivemos um treinamento para uma solenidade que haverá no dia dezoito. Fora isso, trocar roupas recebidas no almoxarifado, por outras maiores ou menores e buscar as limpas na lavanderia. Chega a quarta-feira e o tempo está bom. Em vez de suga, mais treinamento para a solenidade.

Tivemos uma reunião no auditório, sobre mudanças na Escola. Disseram-nos que em 1964 serão matriculados cerca de 350 alunos no primeiro ano. À noite, fui dar uma estudada em Química. Na quinta, tempo bom e eu de serviço, antes do dia previsto. Fui reclamar, mas não deu em nada. Foi dado licenciamento à tarde para quem quisesse ir à cidade. No Palace está passando "Mensageiro Trapalhão", ou "The Bellboy", com Jerry Lewis. Nossa mesa organizada fez uma vaquinha e comprou um vidro de catchup, para o consumo interno! Se alguém de fora metesse a mão nele a coisa poderia acabar quem briga de matilha de coiotes defendendo o território!

O tempo começa a chuviscar, e a sexta-feira amanhece fechada. Todos estudando Física para o teste da amanhã. Está correndo um boato de que o terceiro ano, em 1964, irá para os Afonsos, como parte das alterações previstas para os novos alunos. Alegria geral, conversas intermináveis, devido à possibilidade de iniciarmos o voo mais cedo, com a ida para os Afonso e euforia quase histórica de parte dos cariocas.

Chuviscou o sábado todo. Saí à tarde com o Germano e, à noite, fui assistir "Sob 10 Bandeiras", a saga de um navio cargueiro alemão, armado e transformado em corsário, que combateu ao longo da Segunda Guerra Mundial. Não sei se foi desta vez, nesta saída, ou em 1964, mas o fato é o mesmo: "O tche tinha marcado um encontro com uma mina que ele havia conhecido no dia ou semana anterior, em frente ao Palace. Chegamos ali correndo, devido à chuva, e avistamos uma garota de sombrinha, ali perto. Não lembro se ela estava de capa, ou não. O "Teixerinha" identificou o alvo e partiu; eu segui e entrei no Pinochio. Mais ou menos uma hora depois, ele aparece.

Nós: - Pô, tche, brigou? Que programa rápido!

Ele: - Ela não era a garota com que eu tinha marcado! Era outra...

- Encontrou a certa depois?

- Não!

- E você estava aonde, esse tempo todo?

- Conversando com ela! Só descobri que era a menina errada depois de uns 40 minutos!

Cai o pano!!! A estória pode não ser exatamente assim, mas é bem parecida....

Domingo, dia 18, tivemos a manhã marcada pela solenidade em homenagem aos 50 anos de fundação da instituição onde foi estabelecida a EPCAr (esta, como escola, aniversaria a 21 da Maio). Fui almoçar na cidade. A seleção da Escola venceu o Olympic de 3x0. (Imagino que tenha sido um jogo de futebol.).

Dia 19 de Agosto: *Soubemos que dois aviões de treinamento da Escola de Aeronáutica chocaram-se em vôo. Fala-se que morreram 2 ou 3 cadetes e/ou instrutores . Foi um T-21 e um T-6. À noite houve uma conferência na cidade, para a qual convidaram os alunos. Fui com o Regnier. Na terça, soube minha nota de Física: sete! Não teve suga. À noite, batemos um pouco de violão e, depois da ceia, eu, o Germano, o Britto e o Bosco ficamos papeando até mais tarde. O bizu de que o terceiro ano vai embora continua quente... O dia 21 foi para cortar os cabelos. Passou o filme "O Conquistador de Corinto". Um porre! O bizu "dos Afonsos" continua fervendo. Vamos ou não vamos?*

Com o dia 22 em branco, chegamos ao 23. Durante uma palestra no auditório, com o Major Correia, alusiva ao Dia do Exército, nos foi confirmada a ida do terceiro ano para o Rio, em 64. Gritaria geral! Uma balbúrdia histórica, assistida calmamente pelo nosso palestrante e causador do

distúrbio emocional da turma.

No sábado, dia 24, a mesmice: bater bola na praça de esportes e ir ao cinema na cidade, hoje, passando "Os 4 Cavaleiros do Apocalipse". No domingo, recebi uma medalha (não sei de qual esporte nem o porquê) e, à noite, fui para a cidade com o Britto e o Germano. Levamos umas pedradas jogadas pelo pessoal de um caminhão que passou. Fomos ao cinema, perambulamos e regressamos à Escola.

Dia 26 de Agosto: *Recebi cartas de casa, da minha correspondente de Fortaleza e um telegrama do meu cunhado. Tem início o treinamento para o Sete de Setembro. Comprei uma flâmula para enviar ao Ceará. Na terça, recebi mais cartas e respondi as atrasadas, inclusive para o Chile. Mais treinamento para o desfile do dia sete. Agora, o faremos todos os dias. Na quarta, tudo igual. Na aula de inglês, passou um filme sobre a origem do língua inglesa e a programação do cinema foi transferida para amanhã. Passará "Alerta no Céu", um filme espanhol.*

O dia 29 foi calmo, apenas com um teste de Matemática, no qual fui mais-ou-menos. Na sexta, refrescaram a ordem unida e tivemos EF. Após a suga, desci para a praça e fui treinar subidas na barra. Começamos a preencher as fichas de licenciamento. Solicitei guia para Brasília e BH. O sábado não fugiu ao padrão: Fizemos teste de Física, depois praça de esportes e, a noite, cidade e cinema no Palace. Recebi carta da correspondente do Canadá. Domingo, novamente acordar tarde e descer para a praça. À noite, cidade, filme no Cine Orfeu. Aconteceram umas pequenas rixas passageiras na cidade.

Dia 02 de Setembro: *Comecei a responder à canadense, durante a aula e biologia. Amanhã, teremos teste de Química, mas estou sem saco de estudar. Na terça, fizemos o teste e não fui muito bem! Estou de serviço de Auxiliar à Terceira Esquadilha. Fui buscar a minha roupa depois da revista do recolher. Mande os "bichos" irem prá cama às 22:30, em vez das 23:00 horas. Tirei as faltas e fui dormir. No dia quatro, mais treinamento para o desfile. Deram licenciamento para a Primeira Esquadilha e não houve cinema.*

O dia 5 foi calmo. Não tivemos treinamento nem suga, pois está faltando água na cidade e na Escola. Também não tivemos filme. Na sexta, não tivemos paradão. Foi realizado o "Almoço dos Cem Dias" para o terceiro ano. À tarde, não houve a segunda aula. Tivemos uma reunião com o Comandante e, depois, fomos limpar o armamento, com o famoso "banho de vareta".

Sábado, dia 7 de Setembro. Alvorada à 05:45 horas e saída da Escola às sete e dez. Anotei que um avião esbarrou numa torrezinha e matou uma menina que desfilava. Não estou lembrado desta ocorrência. Não sei se foi em Barbacena ou onde mais, nem sequer que tipo de aeronave provocou o acidente. Chega o domingo e o licenciamento prolongado. Fui de ônibus para Belo Horizonte às 12:00 horas, com o Regnier e o Bosco. De lá, fomos para o Destacamento de Base Aérea e, às 18:00 horas, conseguimos, pegamos e decolamos de carona para Brasília, em um Super Beech da Força Aérea. Estamos dando sorte.



Sete de Setembro de 1963. Desfilando na avenida principal da cidade.

Dia 09 de Setembro: Já instalados, e de café tomado, fomos para a cidade, conhecer a capital há poucos anos inaugurada. Tiramos uma série de fotos, na Esplanada dos Ministérios, na Catedral e etc. Estava um calor de rachar! Pegamos um ônibus, que passou pela W-3 e chegamos em um ponto próximo à rodoviária ou ao teatro, não me lembro bem. A terra era vermelha e havia muita poeira; fiquei com o colarinho marcado de uma quase lama, resultado da mistura com o suor. Conhecemos duas garotas que estavam por lá: uma do Rio de Janeiro e outra de Goiânia. Foi o "blá" do Bosco. Aluno pensa logo em "se dá bem", mas ficou tudo por isso mesmo: só papo!

Voltamos à Base lá pelas quatro horas e encontramos o 61-69 bundeando. Lembro-me vagamente de que as instalações em que ficamos e utilizamos. O alojamento e o rancho, eram construções suspensas em alicerces de alvenaria e edificadas em madeira, com telas nas portas e janelas. Às vezes não me lembro de nada. Mas quando a lembrança vem, é assim. Talvez tenha sonhado!



Alunos Hoog e Regnier na esplanada dos Ministérios. Bosco fotografando.

Conseguimos uma carona para BH no Beech 1438, meu velho conhecido de Paracatu, e decolamos de Brasília às oito da noite. Pousamos às 22:15 e fomos dormir. Dia 10 pela manhã, fomos para a cidade e, às 12:00 horas, embarcamos de volta para BQ. Chegamos na Escola por volta das 15:30. À noite, fomos ao cinema e, depois, ao Pinochio, logo ao lado, tomar uns Hi-Fi's, uma mistura de Vodka com Crush. Havia também a turma do Ron, que beliscava as "Cuba-Libres". Por dentro, o salão era como que dividido em alguns camarotes e os dois grupos se acomodavam separados por eles, mas lado-a-lado.

Recebi uma carta do Ceará. Soube que o Paraná está sofrendo com um incêndio florestal terrível. Quarta, dormi até as onze e meia. Na praça de esportes, saí estropiado do futebol de salão, novamente jogando no gol. Não bastasse isso, quase caí da barra. Estou demorando a parar com essa mania. À noite, fui ao cinema e torrei os últimos centavos que tinha. Tô duro! Hoje foi o aniversário do Nazário. O fogo continua forte no Paraná. Passei todo o dia 12 na Escola, papeando e jogando no cassino. À noite, dei uma saída. Chega a sexta e fiz as mesmas coisas da quinta. Passei a manhã de sábado dormindo e, à tarde, desci para a praça de esportes. Dei um pulo na cidade, depois do jantar. Dia 15, domingo, não saí e à noite foi o regresso do licenciamento. Mesma hora, mesmo local, mesma algazarra.



Com o Bosco na Esplanada e o Regnier fotografando.

Dia 16 de Setembro: De volta à rotina diária. Peguei no sono durante a aula de Química. Acordei com o professor a um passo, olhando e abrindo a boca para falar alguma coisa. Não disse nada e se afastou. Foi pior do que houvesse dito algo... Na terça, após as dezoito horas, trocamos as roupas de cama. Fui emprestar umas sapatilhas novas e treinar basquete. O cinema foi transferido para a quinta. Tivemos prova de Matemática. Em geral não sei, mas hoje eu sabia tudo e errei por desatenção: "me dei mal".... O filme foi cancelado, o que gerou uma reclamação geral por horas... que saaaaco! O dia 20 foi rotineiro e sem gosto. No sábado, tivemos prova de Português e, mais tarde, fui buscar as fotos tiradas em Brasília. Ficaram quase todas boas. À noite, cinema na cidade! No domingo, apenas praça de esportes e estudar Química à noite. ESTUDAR QUÍMICA À NOITE! Um espanto, devo estar doente!

Dia 23 de Setembro: Não me saí tão bem na prova de Química, quanto achei que iria. Devo tirar 6 ou 7. À tarde, fui treinar basquete, mas quase não joguei. A minha sapatilha está em mau estado e tive que devolver a que havia pegado na semana passada. Na terça, tivemos aula de canto do Hino da Bandeira. Ainda não troquei a minha roupa de cama, pois quando subi da praça, já havia sido fechado o depósito. Chega a quarta-feira e recebo minha nota de Português. Tirei 9,5! Recebi uma carta de casa e tivemos teste e Matemática. Acho que vou tirar uns sete e meio.

No dia 26, quinta feira, fizemos teste de Física e, por incrível que pareça, talvez tire 10! Chega o sábado e estou de LS-2 (licenciamento sustado por dois dias), retido até o domingo, inclusive. Um pé no saco, ficar na revista de duas em duas horas e, às vezes, de hora em hora... Passei no clube de astronomia, peguei o telescópio, projetado e montado aqui mesmo, pelos alunos do grupo, e fiquei surubando o firmamento. Agora já é domingo, e será exatamente igual ao sábado.

Dia 30 de Setembro: Enviei uma carta para o Chile e escrevi outra para Fortaleza. À noite, assistimos a um filme sobre a Segunda Guerra Mundial, focado, em parte, na Batalha da Grã-Bretanha. Mais cedo havia recebi a minha nota de Matemática. Foi a maior decepção: tirei quatro! Na terça, recebi a nota e Química com o maior orgulho: tirei dez! Devo ter batido a cabeça ou estar meio adoentado...somente assim se pode explicar o dez. Não pesquei nem coleí... Não houve ordem unida. Tivemos uma aula no auditório.

Passamos a quarta-feira na calma. Dia de corte de cabelos, entregar roupa na lavanderia e cinema à noite. Não lembro o nome do filme, mas foi uma comédia muito boa. Deixei a quinta-feira em branco, mas, na sexta, havia rumores de instabilidade política no país. Fala-se que talvez seja decretado estado-de-sítio. O sábado foi tenso, fomos receber nosso armamento e verificar o seu estado geral e bom funcionamento. Depois disso, todas as armas e munições foram transferidas para os respectivos alojamentos. Estamos de prontidão. Mesmo assim, fomos à cidade. O domingo amanhece igual e permaneci de serviço de sentinela. Não saí e fiquei jogando totó.

Dia 07 de Outubro: Teste físico para todos. Fiquei completamente quebrado. Medi 1,86m e pesei 77Kg. Na terça, fui até a agência dos Correios da cidade, pegar um vale postal. Saiu o soldo, que era como chamávamos ao pagamento mensal. Paguei 500 pratas ao Marcelino e mil ao Lopes. Fez muito calor durante o dia. Tivemos aula sobre a Organização do Ministério da Aeronáutica. Recebi carta do Ceará. O país voltou à calma e saímos da prontidão. No cinema, passou a reprise do filme "Céu de Angústia". Não fiz EF porque estou todo quebrado. Mandei uma carta prá casa, outra para o Canadá e fui dormir cedo. Chegou a quinta e tivemos teste de Química, que, para variar, "me dei muito mau". Desta vez, com raríssimas exceções, toda a turma dançou.

Hoje pousou aqui um helicóptero H-34, para buscar um aluno que seria operado no Rio de Janeiro. Entreguei roupa na lavanderia e fui dar uma estudada em Matemática, para o teste de amanhã. Fiz o teste, o helicóptero foi embora, fazendo a evacuação e mandei carta para Fortaleza. Não tivemos EF. Como um grande balde de água fria, correu um boato, um senhor bizú, de que não iremos mais para os Afonso no ano que vem. Tristeza geral... No sábado não tivemos a aula prevista de Física, porque o professor não pode comparecer. Choveu muito à tarde, mas deu para sair. O tempo melhorou lá pelo anoitecer. Saí e fui ao Pinochio, tomar alguma coisa. O domingo foi padrão: dormi até às 11 horas e, à tarde, desci para a praça de esportes, fazer uma barrinha. À

noite, fui à cidade e ao cinema, assistir "Ivanhoé". Às 21:15 já estava de volta.

Dia 14 de Outubro: Instrução normal e esportes. De tanto treinar na barra formei um calo de sangue na mão. Sacalll! Fui dormir cedo, às oito da noite. O alojamento está infestado de pernilongos e/ou mosquitos. Estão com a macaca! Quem não tem mosquito sofre e não dorme. Acordei na terça muito gripado e fui à revista médica. Recebi uma inalação, meia dúzia de aspirinas e um copo da fórmula milagrosa. Está chovendo muito! Tirei plantão no terceiro horário, perdendo a seção de cinema.

A quarta amanheceu um pouco fria, e, à tarde, tivemos a abertura das competições da Semana da Asa. Houve um jogo de basquete, da Escola contra a Agrotécnica. Vencemos de 30 a 27 (isso lá é placar de basquete?!). Escrevi uma carta para casa. Dia 17, tivemos apenas trinta minutos de ordem unida, desta feita, envergando o 6.º uniforme especial (com quepe). Depois disso, descemos para a praça de esportes, onde haveria um jogo de basquete entre a Agrotécnica e um colégio da cidade. Também foi dia de entregar roupa suja na lavanderia.

Na sexta-feira, continuam as disputas esportivas. Houve futebol no campo do Olímpic. Foi um jogo noturno: teve início às oito e jogaram quatro times. Faltou energia elétrica no estádio/campo, o que atrasou toda a programação. A Banda da Escola estava lá e mandou brasa nas músicas de carnaval. A alunada deitou e rolou na maior festa... No sábado, o time de futebol da Escola jogou com o vencedor do primeiro jogo e venceu de 3x1. Na cidade, fomos ao cinema, assistir o filme "El Cid". Não jantei, comi uns doces no Gino's. Estou de plantão no domingo. Pela manhã, fui ver o jogo de basquete. A Escola venceu de 27 a 21 (!). À tarde houve disputa de futebol de salão. A Escola perdeu de 4x2 (parece-me que para o Colégio Estadual).

Dia 21 de Outubro: Após as três horas da tarde não houve mais instrução e desci para a praça de esportes. À noite, realizaram-se três jogos de futebol de salão. O último foi entre o time dos oficiais da EPCAr contra os do Batalhão da Guardas. Subimos às 23:00 horas. É terça-feira. Após o último tempo de aula todos foram licenciados. Havia jogo no "Silvio Raso", mas não foi obrigatório. Fui ao cinema assistir "Os Crimes de Adolfo Hitler". O time da Escola perdeu a decisão do futebol de salão para o Estadual, por 3x2. Hoje, à meia-noite, o horário será adiantado em uma hora.

Nesta quarta pela manhã, dia 23, comparecemos à solenidade do Dia do Aviador, com entrega de condecorações aos agraciados. Desfilamos e fomos licenciados à dez horas da matina. Às três e meia da tarde houve jogo de futebol no Olímpic. Ganhamos por 2x1. À noite, com um baile na Escola, foi inaugurado o novo Cassino dos Alunos. Aulas normais na quinta-feira, dia 24. Não tivemos ordem unida. Em vez dela, instrução em sala de aula. Não está definido o dia inicial do próximo licenciamento prolongado, se 26 ou 31. Só bizu.

Tem feio muito frio e vive chovendo. A sexta ainda está com o dia chuvoso e não tivemos o último tempo de aula. Às 15:30 houve uma reunião no auditório, com o Major Correia. Está aparecendo uma meio que epidemia de hepatite. Há cinco alunos baixados. Escrevi para casa. No sábado, desci à praça e quase quebrei o dedo durante uma partida de basquete. À noite choveu muito, mas fui ao cinema. Eu e o Germano. Ambos encharcados.

Não saí no domingo. Durante a noite estudei um pouco de Matemática. Estamos vivendo uma infestação de besouros. Haja saco e paciência. Você pisa neles, senta neles, colidem com tudo e, se bobear, come ou bebe um. Já matei uns cem...

Dia 28 de Outubro: Recebi carta de casa e fui à revista médica para ver o dedo. Passei quase a noite toda no cassino, jogando totó e sinuca. Fiquei lá até as 22:30 horas. No alojamento, ainda sem sono, fiquei batendo papo com o Daemon até quase meia-noite. Os muriçocas estão impossíveis.

No dia 29 confirmou-se o licenciamento para o dia 31. Devido a esta expectativa, o dia 30 foi com todo mundo arrumando as malas. Não viajarei. Irei numa pescaria programada pela Escola,

coordenada por um oficial, com caminhão, barraca, material de apoio, sargentos monitores e taifeiros. Será em um local situado há umas duas horas de viagem. Cortei o cabelo e fui ao cinema, onde passou um filme péssimo: "As Escravas de Corinto". Quinta-feira, dia 31, licenciamento geral após às 12:00 horas! Fui à praça de esportes à tarde a a um parque de diversões à noite. Encontramos uma meninas conhecidas. Foi o maior horror na roda-gigante. Uma gritaria geral, devido aos excessos cometidos ao balançarmos os assentos. Regressei à Escola às 23:00 horas e fui arrumar o material para a pescaria.

Na sexta, levantei às quatro horas da madrugada. Saímos às 06:30 e chegamos na região do Rio Grande por volta das dez. Tivemos que descarregar o caminhão e transportar todo o material ao longo de uns 3 Km, até o local escolhido para levantar o acampamento, à beira do rio. Era um senhor barranco! Uma ravina. Foi muito trabalho e muita cansa. Somente pudemos começar a descansar e pescar lá pelas quatro da tarde. Haja peixes! Dormimos bem e recomeçamos no sábado. A pesca é excelente e tem peixe de todo tipo e em quantidade. De lambari a dourado!

Uma beleza de região! Não se vê uma casa por perto e o rio corta um pequeno vale encravado, quase todo coberto por pedras e uma mata cerrada. Há muitas corredeiras, mas também locais de remanso. A região é muito acidentada e rochosa. Fui pescar à noite, dei uma topada que quase levou a ponta do meu dedo. Pudera, estava só de meias e andando sobre as pedras... O Capitão João Reis pescou dois dourados.

Podia-se pescar de diversas maneiras, desde a convencional, com caniço, linha e chumbada, até com sacos de estopa, aparando os piaus que saltavam nas pequenas quedas d'água, o que, no entanto, não se fez, porque não tinha a menor graça. Bastava lançar uma linha com uma boa chumbada e vários anzóis em direção à outra margem do rio e puxá-la de volta aos trancos e com força. Sempre vinham dois ou três peixes de uns 50 cm. Não sei se eram piabas ou os outros é que eram. Também havia acarás, lambaris, bagres, etc.

No regresso, tínhamos no caminhão uns quatro sacos de peixe salgado. Deve ter sido a maior festa! Foi tudo excelente, só pegou foi o fato de, no domingo à noite, ter acabado o meu cigarro. Um senhor sufoco. Deveria ter aproveitado a oportunidade para deixar de fumar, mas não aproveitei. Fui fazer isso, definitivamente, somente em 1996! No grupo havia muitos alunos, e das diversas esquadrilhas, mas não me lembro mais quem eram eles.

Dia 04 de Novembro: *Nesta segunda pela manhã, pesquei uns 20 peixes diversos, menos dourados. Após o almoço, começamos a transportar o material de volta ao caminhão e a desmontar as barracas. Haja saco! Agora teremos que levar a carga morro à cima! Deixamos o Rio Grande às 18:00 horas e chegamos na Escola por volta das 20:30.*

No dia cinco, ainda de folga e no prego, dormi até às onze horas. Após o almoço, fui bater umas fotos com o Britto e o Germano. Passamos a tarde jogando sinuca no cassino. Não saí à noite e fiquei por aqui. Fui botar em dia a correspondência. Fim de festa... Acabou-se a licença.

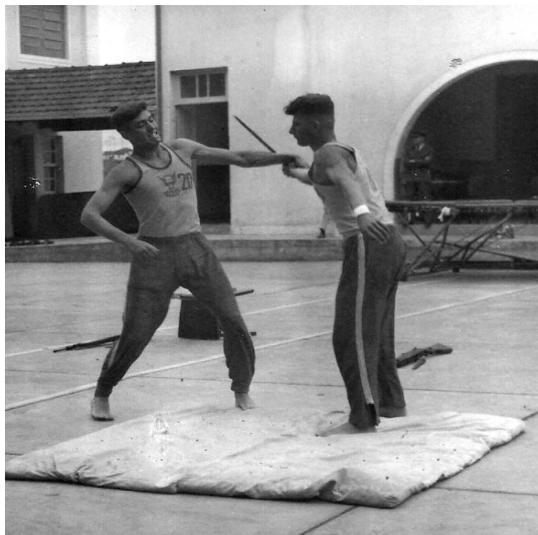
Na quarta, enviei as cartas escritas pra casa e pro Ceará e fui pegar minhas roupas na lavanderia. Não tivemos cinema. Sempre tem alguma carta pendente, agora tenho que responder para o Canadá e para o Chile. Recebi um dinheiro extra do meu pai. Sempre na hora certa!

Na quinta, durante a ordem unida, dei uma pancada da mau jeito no pé, com a coronha do mosquetão e inchou um pouco. Fui anotado porque a cadência estava uma merda e, como eu era responsável pela puxada da testa, dancei. Entrei num bate-boca e num empurra pra lá e pra cá com o Meneses, acabando os dois sendo canetados. Fomos justificar no Comando a Esquadrilha e por um e pelo outro a "briga" virou brincadeira de mau gosto e tudo morreu por aí.

Escrevi uma carta para o Canadá, durante a noite, quando, por sinal, choveu muito. Na sexta, tudo correu bem, menos a EF, que foi braba! Correr não é a minha. No sábado, não tivemos aulas pela manhã. À tarde, fiquei pintando com umas telas e tintas que apareceram para um concurso interno. À noite, fui ao parque de diversões. Choveu muito no domingo. Saí à noite e voltei completamente

molhado.

Dia 11 de novembro: *Após a EF, desci para treinar defesa pessoal. Haverá uma demonstração no Colégio Imaculada Conceição e estou na equipe que a fará. Será no dia 17. A minha dupla está formada com o Almeida.*



Dando chance! Aluno Hoog se defende do Almeida em um ataque à baioneta.

Parece que haverá uma viagem a São João Del Rei e outras cidades da região. Não houve revista do recolher. Tentei estudar mas não deu... Na quarta, dia de cortar os cabelos, passou um filme péssimo, nem lembro o nome. Fiquei no Clube de Astronomia, olhando pelo telescópio, com o Tenente Machado, Comandante da Terceira Esquadrilha, bisbilhotando as janelas da cidade... Fui dormir às dez da noite.

Dia 14, quinta-feira, tivemos prova de Matemática e fui bem. Entreguei e peguei algumas roupas na lavanderia.

Após a EF, fui treinar para a demonstração. Todos aprendendo a cair e todos aprenderam bem. O Almeida, na maior tosquidão. Atacava como se eu fosse realmente um inimigo. Depois do golpe morria de rir.

Na sexta, não houve aulas. Por conta disso, a alvorada foi às 07:00, para a alegria geral da maioria. Tivemos uma reunião no auditório às oito horas, após o rancho. Disseram-nos que a FAB talvez venha adquirir uns 48 Avros 748. Treinamos mais defesa pessoal. Estamos todos quebrados de tanto cair, levar golpes e dar golpes.

Em um dos lances, tínhamos o mosquetão, carregado com festim, encostado nas costas; num lance de desarmar o inimigo, dávamos um golpe e jogávamos o elemento armado no chão, ficando com a arma dele nas mãos. Para entusiasmar a plateia, ela era disparada, assim que o golpe fosse efetivado. Na pressa, o "partner" do Póvoas mandou ver um tiro de festim nas costas dele. Ainda bem que foi no treinamento! Queimou roupa, pele e o que mais tinha pela frente...

Hoje, foi a inauguração da exposição de pinturas. Fiz duas. Uma de retirantes, em aquarela, e outra espacial, em tinta tipográfica... Sai à noite e fui assistir "Zumbis". No sábado à tarde houve uma reunião da equipe de defesa pessoal. Recebemos um vidro de Karo, cada um, e pegamos as calças e camisetas da apresentação.

Fui ao cinema e escrevi uma carta para casa. Enfim, o domingo. Fizemos a demonstração no "Imaculada" e tudo correu bem.

Dormi a tarde toda e, à noite, fui ao cinema. Caiu um trem no barranco (Passava uma linha férrea bem em frente à Escola, na maioria com dezenas de vagões carregados com minério de ferro. Quando isso acontecia, trepidava toda a área próxima.).



A plateia aplaudia entusiasmada. Em segundo plano o Almeida é atacado e defende-se com os pés. O Professor Bongart, vestindo um quimono, em pé e à esquerda, coordena aos ataques e defesas.

Dia 18 de Novembro: *Prova de Português. Houve treinamento para o dia da Bandeira. Eu treinei com a 3.^a Esquadrilha, para o juramento amanhã, porque eu ainda não fiz o meu compromisso. Estava baixado no hospital, com hepatite, no ano passado. Fui pra cidade ao meio-dia e voltei logo. Recebi carta de Fortaleza. No dia 19, Dia da Bandeira, prestei o meu compromisso, recebi grana de casa, escrevi uma carta pra lá e uma pra minha correspondente do Chile.*



Alunos Hoog, Britto e Germano em frente dos alojamentos.

Sai para dar uma caminhada com o Germano e o Britto. Batemos umas fotos em diversos lugares da Escola, para guardar como lembranças. Sai à tarde e à noite. Fui ao cinema. Choveu pacas e arranjei uma carona para regressar. Voltei de carro (?). Na quarta-feira, tivemos prova de Física e, depois, fomos a uma reunião no auditório, com o Comandante da Esquadrilha, o Ten Lara. Começaram os testes de Ordem Unida para a turma "A".

Eles eram mais para testar a atenção do que a execução, já que saber, todos sabiam. Dava-se a voz

de comando errada por um número pré determinado de vezes. Quem errasse saía e perdia um ponto. Era algo mais ou menos assim: "Meia voltaaaaa... MAMÃO! Quem rodasse dançava. Um espanto!

Haverá um show no Colégio Estadual e farei a cenografia. Fui lá para ver o ensaio e conhecer o palco. Recebi mais correspondências. Chegou a quinta-feira. O tempo está assim: Frio pela manhã, calor até às 17:00 horas e chuva até as oito. Tivemos aulas de NPA e RIS Aer. Passei "toda a noite estudando Matemática". Não fui ao Colégio Estadual, por um motivo que não me recordo. Na sexta-feira, fiz teste de Matemática, para o qual eu havia "passado a noite estudando". Fiquei sabendo que o Presidente dos Estados Unidos, Jhon Kennedy, havia sido assassinado com um tiro na cabeça, em Dallas.

À noite, fiquei com o Lima, pintando o cenário do show de amanhã. Ficou bom. Fui dormir à meia-noite. Neste sábado, não tive aula nenhuma. Após o almoço, fui ao Estadual para preparar o cenário do show à noite. Perdi tempo. A apresentação foi adiada para a quarta-feira. Fui assistir o filme "Pepe". O domingo foi dentro dos conformes: dormi até às 11:30. Não saí à tarde e fiquei jogando ping-pong.

Neste ponto, falando-se de ping-pong, não posso deixar de tecer alguns comentários sobre o "nosso Zero-Um". Lembro-me que o Bellon, além de dominar o campo intelectual, com folga, também era bom de esportes. Não sei como ele arranjava tempo! Dominava o tênis-de-mesa, dedobol, bola-de-gude, gamão, damas, dardos na parede, corria bem, saltava bem, jogava vôlei, basquete e o que mais se apresentasse. Como se não bastasse, ainda sobrava tempo para ser calmissimo e gente fina... não sei se o termo "fiapo" surgiu aqui ou mais tarde...

Voltando às anotações, à noite fui à casa do Pedrinho, um amigo gaúcho do terceiro ano, que tinha sua mãe e avó morando aqui, e dei uma volta na cidade. Íamos muito lá, e ficávamos batendo papo com eles e com algumas garotas conhecidas que moravam por perto. Além da conversa mole, também havia o lance do copo, onde todos faziam dezenas de pergunta e "ele" respondia! Geralmente sobre o nosso futuro. Deveria tê-las anotado, para poder conferir posteriormente!

Dia 25 de Novembro: *Soube do resultado do meu teste de Matemática. "Me dei bem". Tentei estudar Química, mas não deu. Fiquei no cassino até as oito e meia e fui dormir. Na terça, fiz o teste de Química. Não houve aula de Física e estou de Auxiliar à Terceira Esquadrilha. Saí à noite e fui ao Colégio Estadual, regressando lá pela meia-noite. Ainda não deu para acabar o cenário. O cortinado não deu certo.*

Neste vai e vem, havia uma garota lindinha que fazia o serviço de ligação e apoio junto à diretoria do colégio. Ela ficava sempre por perto e de olho em mim, enquanto eu quebrava a cabeça com o cenário. No último dia, como não havíamos trocado nenhuma papo além do estritamente profissional, ela me pegou num intervalo e veio com uma conversa de que tinha um difícil trabalho escolar que precisava ser organizado:

- será que você sabe datilografar, para me dar uma mãozinha?", disse ela.

No ato acenderam-se todas as luzes vermelhas do painel de emergências e o "a master caution" quase explodiu. Perigo, perigo, perigo! Troca tanque, dá bombada, capota aberta e travada.....

Na quarta, não teve volta. Em pleno andamento da peça, o cenário começou a cair. Felizmente, já estávamos próximo ao final. Subi numa escada e fiquei segurando a tralha no braço. Após o encerramento do evento, fomos todos comemorar o sucesso. Chegamos de volta à Escola lá pela meia-noite. Ganhei um convite para o baile do dia primeiro.

Há muito está programada uma marcha e hoje, dia 28, recebemos o material que utilizaremos nela. Arrumei a mochila. Não temos mais aulas pela manhã, apenas à tarde. Fui dormir cedo, já que amanhã a alvorada será às 04:40. Saímos às seis horas do dia 29, sexta-feira. Marchamos 12 Km, até a Fazenda do Pombal. Só dava morro à cima, nenhum à baixo. No meio da marcha fomos atacado por T-6's, na maior zoeira e correria. Na primeira passagem, todos acharam que era uma demonstração. Todos olhando para cima, gostando e acenando!. Caímos na real com os oficiais e

sargentos gritando:

- Vamos cair na vala! Isto é um ataque... etc e tal..

Chegamos no local previsto às nove e meia. Montei a barraca com o 12, Campos Costa, e fui descansar até a hora do rancho. Está um calor de matar e estão criando um lance de guerra psicológica... Creio que foi nesta ocasião que fiquei preso num curral, juntamente com outros tantos, por estar batendo papo durante o deslocamento.

Chegou o sábado e não fui ao rancho do café. Fiquei dormindo! Pela manhã, tivemos diversos jogos e desmontamos o acampamento, partindo depois do almoço. Chegamos na EPCAr às 16:00 horas. No domingo, dormi até às dez e meia. À tarde, fui à praça de esportes e, à noite, para a cidade.

Dia 03 de Dezembro: Não anotei nada hoje nem no dia quatro. *Na quarta, consta que teremos saída liberada das duas da tarde até às nove da noite, de hoje até segunda-feira, dia nove. Cortei o cabelo e fui à cidade à noite. Na quinta, dia cinco, tivemos uma reunião ao meio-dia e soubemos que as nossas férias terão início dia 13, sexta-feira, e terminarão a 30 de Janeiro de 1964.*

Fiz prova de Biologia e vi minha nota na DIM. À tarde, fui à praça de esportes dar umas e outras treinadas na barra e saí à noite para a cidade. No dia 10, tivemos um treinamento pela manhã, para a solenidade de passagem de estandarte do "Zero Um" da Primeira Esquadrilha, para o "Zero Um" da nossa, o Bellon (62-58).

Na quarta, passou um bom filme de Alfred Hitchcock: "Pacto Sinistro". Além disso, não se fez mais nada o dia todo, tal como nos dias 02, 03, 06, 07, 08 e 09 deste mês. O dia 12 foi dedicado às cerimônias de encerramento do ano letivo. Contamos com a presença de diversas autoridades. O "Melo Maluco" compareceu, dentre outros oficiais gerais da força. O almoço foi excelente! Haverá o "Baile do Adeus". Preciso arranjar algo para transportar meus trecos e cacarecos para casa. Talvez compre um saco de viagem. Tá a maior zoeira no alojamento!

Nestas proximidades de final de ano, sempre acontecia de termos um pouco mais folgas para irmos à cidade. Acontecia, também, do pessoal ir com mais frequência tomar uma cervinha gelada nos "nigth-clubs" da periferia, mesmo durante o horário do almoço ou à tarde.

Ninguém tinha carro. Andávamos a pé pela cidade toda. No estabelecimento conhecido como "Dorinha", havia uma recepcionista que era a maior gata do pedaço: a Silvinha. Todos gostavam dela e ela sabia disso, daí não parar para papear com ninguém e só passar pelo salão com o nariz empinado. Era toda enjoadinha, um verdadeiro porre!

As meninas do "Nigth and Day", em frente, eram mais chegadas, dadas e simpáticas. Sentavam-se nas mesas com a gente, papeavam e ficavam de lero-lero com a turma. A maioria absoluta dos Alunos ficava só nisso. Pois bem, certo dia, um dos mais participativos e grande bater de ponto local, lá na Dorinha, havia passado uns tempos na intimidade da suíte da Silvinha e voltou todo contente. Fomos logo perguntando:

- ...e daí, foi legal?

- Legal, foi mas teria sido melhor se ela não tivesse ficado lendo um "Pato Donald" o tempo todo!

É aquele caso, se a estória não foi assim, com certeza foi bem parecida...

Dia treze. Enfim as férias!. Entreguei as roupas e o material de cautela. Terei que pagar por um cobertor e um cinto de guarnição. Recebi o prêmio de primeiro lugar pelo quadro que pintei na exposição, o dos retirantes. Ganhei um livro de Máximo Gorky e um diploma alusivo ao feito.

Recebi a guia de licença, mas, como só irei viajar amanhã, peguei o serviço de Aluno de Dia ao Corpo de Alunos. Não tenho auxiliar nenhum! Sou pau pra toda obra... Comprei três fotos da demonstração do "Imaculada". Elas ficaram muito boas.

Desta feita não haverá avião para os laranjeiras. Dormi muito mal e até passei frio, por falta de cobertas. Para quebrar o galho, fiz uma toca com diversos colchões. No sábado, já fora do serviço, tirei o time de campo. Peguei um ônibus para Juiz de Fora às 13:00 horas.

Estas foram as minhas últimas anotações do tempo em que vivi na EPCAr. Para encerrar, buscarei na lembrança, e no meu álbum de fotografias, imagens que me permitam traçar uma sinopse do nosso último ano com alunos.

III - Mil Novecentos e Sessenta e Quatro – 1964

Agora, com todas as esperanças de que o terceiro ano de BQ ainda pudesse ir para os Afonsos completamente detonadas, regressamos à rotina da EPCAr. Menos mal, permanecendo aqui, já que passamos a ser os veteranos absolutos, de fato e de direito.

Lá, na Escola de Aeronáutica, seríamos os bichos dos bichos... Muitos já haviam colocado as platinas douradas do terceiro ano, assim que foram iniciadas as férias, em Dezembro de sessenta e três.



Flâmula do terceiro ano – Primeira Esquadilha.

Isto pode parecer uma besteira, um pequeno detalhe insignificante, mas não é. A sensação de termos dado um passo a mais era gratificante. Algo como uma vitória em uma competição esportiva, pela qual recebíamos uma medalha. Neste caso, a platina amarela da Primeira Esquadilha!



Parada de serviço a 14 de Fevereiro de 1964. Não fomos para os Afonsos, mas, em compensação, começamos o ano mais cedo! Aluno Marcelino comandando a tropa.

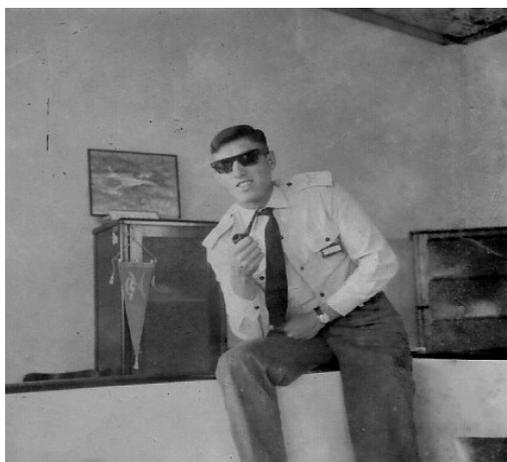
Uma das primeiras atividades do ano foi a eleição da nova diretoria da Sociedade Acadêmica. O

Galhardo tornou-se Presidente e, dentre os diversos cargos da diretoria, assumi o de Diretor do Grêmio Senta Pua. Esta tarefa acabou por mostrar-se muito mais árdua do que parecia ser inicialmente, principalmente devido ao seu desfecho nada agradável.

De qualquer forma, embora a revista não tivesse sido impressa neste final de ano, por falta de recurso da Escola, como ela estava com o espelho pronto e organizado, pode ser rodada e distribuída, quando já éramos cadetes, lá nos Afonsos. Tudo isso, graças à colaboração e o empenho de um grupo dedicado, a "Equipe CEM": Cerdeira, Etraud e Mendes. O Sá, o Galhardo e eu, corríamos por fora.

Cheguei ir a diversas empresas, tipo Shell, Esso, Texaco, etc, em busca de patrocínio, enquanto os demais iam em outras. Acabamos conseguindo os recursos e conheci, numa destas "visitas de negócios", um sobrinho-neto de Gago Coutinho! Nem falo das idas às tipografia para contratar a confecção das placas de impressão.

Utilizávamos uma Kombi da Escola, ainda bem.. Nada de mais. Porém, como nunca fui um sujeito "muito descontraído", vivi um verdadeiro pesadelo ao longo destes "contatos empresariais". Sempre queriam conversar, saber da tiragem, como seriam distribuídas, onde seriam, qual o nível do pessoal que as leriam, etc.



Aluno 62-140, Hoog,R.S. - Diretor da Revista Senta Pua, em sua sala nas instalações da "Sociedade", junto ao antigo Cassino dos Alunos.

Embora a memória seja meio falha, lembro-me ainda que, na diretoria da revista, contava com a colaboração do Vaz-Curado, o Relações Públicas, na área de reportagens fotográficas, juntamente com o Martins; do Sá, na cultural e na redação e, do Batalha, na artística; como secretários, contávamos com o Faria e o Nunes.

O começo foi dureza, porque não tínhamos a menor ideia de como montar uma revista. Porém, nada era que não pudesse ser resolvido com alguma horas na tipografia, conversando com os entendidos no assunto. E assim foi.



Braçadeira do Grêmio Senta a Pua.

Partimos para a coleta de textos, seleção de estórias e histórias, registros de eventos e produção de fotografias. As do pessoal, foram feitas em um fotógrafo na cidade: eu apresentava uma relação dos que seriam fotografados ao comandante e recebíamos uma licença para sair.

Eu sempre acompanhava estes grupos. Não me lembro se alternei com alguém mais este pepino. É provável que sim. Como acabei aprendendo a copiar fotos dos negativos, com o sargento fotógrafo da Escola, passei muitas horas no laboratório testando diversas opções de tamanho, contraste e gastando papel fotográfico. Nunca aprendi a revelar, para não arriscar perder as reportagens. Diretamente com a revista, trabalhávamos numa sala específica para isso, localizada na ala que ficava atrás do Jardim de Alá. Bem na extremidade esquerda do corredor. Foram muitas horas de muitas noites....



Com todo o material sendo reunido aos poucos, não faltava o que fazer no estúdio de trabalho.

A ocorrência seguinte, que me vem à memória, refere-se às turbulências políticas que assolaram o país, e alcançaram um clímax no final do mês de Março. Esta instabilidade já vinha desde há meses ou anos. Lembro de, nas últimas férias, ter tomado conhecimento, lá em Curitiba, de vários conflitos e tumultos na cidade e no Colégio Estadual, com grupos de alunos entrando em confronto entre eles.

Daqui, não há muito a relatar, pois vivíamos despreocupados com esta problemática. Tenho apenas imagens mentais do Corpo de Alunos reunido no Pátio da Bandeira, em forma, mas à vontade, sentados no chão e aguardando notícias. Inicialmente, tivemos nossos rádios guardados, porém, logo depois foram devolvidos. Lembro-me das duras transmissões do Governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda. Ele desafiava as forças contrárias a invadirem o Palácio Guanabara.



Flâmula do Grêmio Senta a Pua.

Ainda no dia primeiro de Abril, e depois também, vi trens passarem em frente à Escola, carregados de soldados da Polícia Militar Mineira. No ar, creio que por volta do meio-dia, vi um C-47 sobrevoar a cidade e as proximidades da EPCAr, lançando panfletos.

Nunca soube do conteúdo deles. Em nossas instalações internas, alguma metralhadora montada na varanda do prédio do comando e em outros pontos. Nada mais. Depois disso, apenas o que se podia

ler na imprensa.

Ainda neste início de mês, fomos à Belo Horizonte, participar do "Desfile da Vitória", que ocorria em todo o país. À noite, houve um baile a rigor, em um clube junto à Pampulha.

Era o tipo de boca-livre que todos os alunos sonhavam, pelo menos quase todos, principalmente os laranjeiras de carteirinha. Se possível, não perdiam uma!

Havia alguns componentes do PARASAR participando da festa e estávamos todos tomando uma cana direitinho. Quando conversávamos na mesa deles, com eles na maior orgia de comer os enfeites, centros-de-mesa, flores e convites, naquelas brincadeiras características, um tenente vomitou ao lado da mesa. No ato, caiu uma bolinha de aço e saiu quicando no chão. Daquelas de rolimã. Um dos alunos perguntou, entre as gargalhadas:

- Onde ele achou um treco desses para comer? Resposta vinda do, eu acredito que era ele, Capitão Guaranis:

- Essa ele comeu numa festa lá no Rio, ontem!"



Uma representação do Corpo de Alunos desfilando no centro de Belo Horizonte.

Os dias passam numa rotina muito semelhante, porém, às vezes eram quebrados por acontecimentos meio que insólitos, tipo uma "epidemia venérica", causada por uma única, e totalmente desprovida de beleza, fonte difusora, que frequentava um terreno baldio próximo à linha férrea, no horário em que o pessoal regressava da cidade, aos feriados, sábados e domingos. Não tenho muita certeza do quantitativo, mas é certo que umas boas dezenas de participantes da fila caíram no artigo. Devido ao estrago causado, passou-se a fazer uma analogia de termo "rotina" com "Regina", o nome da peça altruísta. Dizia-se, em vez de "cuidado com a Regina", "cuidado com a rotina". Outras vezes: "cuidado com a rotina diária", faz mal lascado para a saúde!



Participando da cerimônia da Páscoa dos Militares, Alunos, Gaia, Britto, Esteves e Hoog.

Embora sem terem causado um desastre semelhante, há outras pequenas estórias e aventuras que se desenvolveram lá pelas bandas do "portão das lavadeiras", mas não relacionadas a elas. Não me arrisco a comentar, porque não conheço o assunto o suficiente para sequer tergiversar sobre ele.

Encerra-se o mês, com a programação da Páscoa dos Militares e, em Maio, chegam as disputas, brigas e quase conflitos no braço entre as torcidas, nas competições da Taça Tenente Lima Mendes. Consegui tirar uns sons de corneta e levava nas arquibancadas alguns dos toques mais conhecidos. Mais uma barulheira somando-se ao som das baterias de tambores, emprestados da banda. As disputas eram acirradas!



A equipe de basquete melhorou. A Primeira Esquadrilha ficou mais forte e treinada. Em pé: Ten Lara e Alunos Porto, Hoog, Lopes, Esteves e Kramer – Agachados: Britto, Britto de Mello, Gaia, Soledade e Rosário.

Neste ano, além de basquete também participei do time de vôlei e de futebol americano e, no atletismo, lançamento de peso. Neste último, faturei, por incrível que possa parecer, uma medalha de prata.

O nosso goleiro do futebol de campo era o Maia. Cada vez que levava um gol ficava com uma cara tão triste e desapontada que parecia que havia ofendido cada um de nós e estava arrependido. Boa gente o "Urso"! Mais dedicação, só a do Abel, nadando cem metros de costas. Foi o último a chegar e parecia que ia se afogar a qualquer instante. Faltou muito pouco para alguém mergulhar na piscina tentando salvá-lo. Foi dureza, mas não deixou a turma sem um representante na raia.

Não estou lembrado se este lance ocorreu no primeiro ou segundo ano. Lembro-me é que o pessoal, no melhor sentido, sacaneou-o para sempre. Aquele tipo de brincadeira de mau gosto que se faz apenas entre amigos.

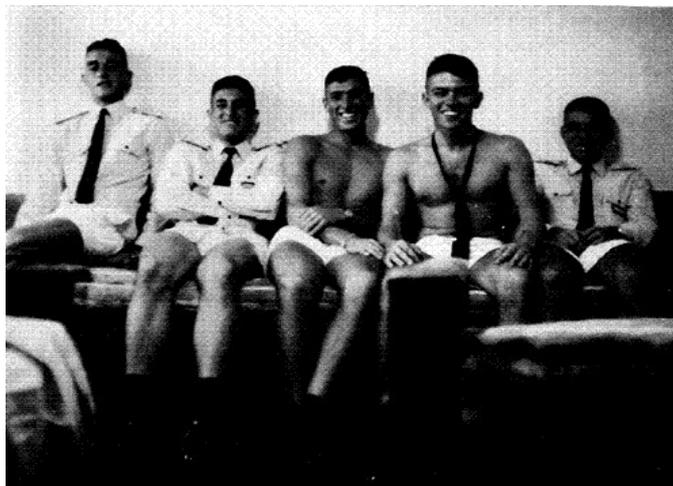
Alguns juravam que ele nem sabia nadar "cachorrinho", e tinha encarado o desafio assim mesmo!

Pois bem, mudando-se de assunto, o mês de Junho foi marcado por uma viagem pelas cidades históricas de Minas Gerais. Organizado o grupo, fomos para seminários, jogos, visitas, almoços, formais e informais, e pernoites.



Conhecendo o centro de Ouro Preto.

Viajávamos de ônibus e por estradas e locais que mereceriam, no mínimo, um registro fotográfico. Foi uma pena não ter registrado estes trechos, que valeram uma tremenda aventura rodoviária. Provavelmente estes percursos não são mais os mesmos.



Pernoitando em um Seminário de Mariana. Sentados no beliche, da esquerda para a direita: Alunos Victor, Britto, Hoog, Faria e Etraud.

Em Julho, como de praxe, havia um exercício prático de instrução militar. Desta vez, participamos de um programa de Marcha em passo-de-estrada. Andávamos em linha-de-frente, esta, bem mais fácil do que seria de T-6, daqui mais uns três anos e meio, durante a inesquecível "Operação Avestruz", vivida na histórica Base Aérea de Santa Cruz, da qual ainda guardo, com todo carinho, o meu diploma da "Ordem de Cavaleiro do Avestruz"(21/Junho/1968).

Este merecido documento foi-me outorgado como fruto de uma saída de pista quase acrobática, ao pousar como número quatro, tentando um toque "dois pontos", o que nunca havia feito antes, após uma exaustiva hora de linhas-de-frente, puxadas pelo líder da esquadrilha, o Tenente Euclides, que, por sinal, detestou a missão. Meu líder de ala era o Tenente Adalberto. Ele considerou a missão muito boa...

Quanto ao meu T-6, este sobreviveu honrosamente ao evento e regressamos ao pátio taxiando normalmente, com os bombeiro uivando atrás. Já no box, no cheque pós-pouso, verifique uma leve raspada no cubo de roda do trem direito, fruto, provável de uma raspada no degrau da pista de concreto para a grama. "Segura o nariz, Germano!"

OK! Retornando ao tema principal.... Esta caminhada foi realizada sem maiores esforços, porque não carregávamos mochilas nem tivemos pernoite.



Alunos Galhardo, Faria, Berto, Hoog, Sargento Monitor, Falcão e Vaz-Curado.

Vestíamos apenas o 10.º Uniforme, com o cinto de campanha e um cantil. Salvo o imprevisto de um

calo, tudo correria bem. Integrei o Grupo de Vanguarda, que ia alertando o tráfego na estrada, para evitar um possível atropelo do pessoal e controlando os eventuais cruzamentos, pelo mesmo motivo.

Passadas as férias, regressamos para o semestre final na EPCAr. Tivemos mais uma viagem, agora para Juiz de Fora. Não me recordo da época exata, nem do motivo, mas lembro-me de que todos gostaram do passeio.

Definitivamente, um bom e tranquilo exercício de Relações Públicas! Interagimos com a sociedade local, visitamos uma fábrica de cervejas e refrigerantes e papeamos.



Parte do grupo de Alunos, em um clube da cidade, confraternizando com Senhoritas da sociedade local. Da esquerda para a direita, de quem olha, Alunos Hoog, Paiva mico, digo, Neto, Bellon, Soledade, um bicho e o Berto.

Passamos apenas o dia lá, sem pernoite. Após completadas as visitas programadas, retornamos.



O velho ônibus de guerra resistiu bravamente. Era desconfortável, mas foi e voltou numa boa.

O final do ano se aproxima marcado pelos treinamentos para o desfile de Sete de Setembro. O assunto em voga é o Almoço dos Cem Dias e o Baile do Adeus e a nova Inspeção de Saúde..



A Primeira Esquadrilha desfila na avenida. Agora marcada por alguns dos nossos novos colegas, que ingressaram na turma neste ano. Na testa: Alunos Porto (2) e Lunkes (5).

No mês de Outubro, houve um show no auditório, organizado pelo terceiro ano. Não me lembro por qual motivo, mas lembro-me que deu um bocado de trabalho à equipe de cenografia. Dele, não esqueci foi do Evandro, participando de um grupo que cantava umas versões musicais da época. Imperdível! O conjunto ia prá um lado e ele, cheio de mé, pro outro.

Não estou lembrado dos componentes deste coro, mas, provavelmente, deveriam estar entre eles o Sanches, o Cezar Ney, o Ernani, o Montgomery e o Germano, que sempre compartilhavam a criação das letras adaptadas a nossa "realidade bequiana".

Às vezes, estas canções eram cantadas, veladamente, durante as paradas diárias, por ocasião dos desfiles e ao som da Banda de Música da Escola. Na verdade, algumas vezes nem eram cantadas tão veladamente assim, misturando-se com o famoso som "shhhhhhhhh", emitido por aqueles elementos mais racionais, relativamente raros na turma. Nem as marchas militares escapavam à criatividade deles, que atuava, sem descanso, 24 horas por dia. Pelo menos!



A turma da cenografia preparando cola. A porta leva diretamente para dentro do auditório. A contar da esquerda, os Alunos Floriano, Osolins, Alcoforado, Wilson e Hoog. O Berto estava por ali e tornou-se o fotógrafo.

Ao longo de Novembro, já na reta final do encerramento do ano, vivíamos meio que em estado de graça. Assim, chegou o Dia da Bandeira e a sua respectiva solenidade, já bem conhecida de todos. Desta vez, participei da Guarda da Bandeira. Era algo mais cansativo, porém uma novidade.



Guarda de Honra em posição durante a cerimônia.

Este visual do pátio lembrou-me de uma passagem que se repetia quase diariamente, até que foi detonada: "Nesta construção ao fundo, havia uma porta mais à esquerda, onde um grupo de alunos reunia-se nos intervalos de aula. Bem à direita, um pouco no alto, localizava-se o outro, já não tão novo, pavilhão de aulas.

Pois bem, os professores, quando regressavam de lá, vinha em um só grupo, conversando e com uns ultrapassando os outros e vice-versa. Bastou o Ernani notar este detalhe uma única vez! No hora do regresso deles, vários alunos se entulhavam naquele canto do prédio para vê-lo "irradiar" a aproximação dos mestres, como se fosse uma emocionante corrida disputada em um hipódromo. Por algum motivo, e até que demorou muito, a brincadeira vazou e teve que ser encerrada. Realmente, ela era de mau gosto com os nossos mestres, mas que era divertida, era! Ainda ouço o Ernani rindo, falando rápido como um locutor de futebol e engasgando nas frases, até a chegada triunfal de um deles à frente dos demais, obviamente, a uma distância bem segura de onde estávamos.

Tenho a impressão de que eles desconfiavam que havia algo errado com a presença de tantos alunos alegres e sorridentes em um só lugar e sem qualquer motivo aparente. Pois é, na turma tinha doido prá tudo..."

O ano já está no seu finalzinho, mas a escala de serviço não refresca. Mesmo nos finais de semana.



Turma que entra versus turma que sai de serviço. Da esquerda para a direita e em pé: Alunos Etraud, Nascimento, Galhardo (capacete), Yedo e Daemon. Agachados: Berto e Hoog.

Houve um baile neste período, do qual não me recordo bem. Não sei bem se foi o do Aniversário da Escola, do Dia do Aviador ou deste final de ano, o do Adeus. Creio que foi este último. Depois do jantar, um pequeno grupo, do qual eu fazia parte, subiu até o Cassino e, de lá, com um litro de Vodka nas mãos, que surgiu não sei de onde, foram para uma das salas de aulas, no andar de cima, dar uma bicadas. No palavreado: "esquentar para a festa". Um espanto! Começamos dando pequenos gole, civilizadamente, até que algum intelectual desafiou outro a fazer um fundo-branco! Na sequências desta insanidade generalizada, acabamos aprontando uma arruaça na sala e descemos preocupados, com os respectivos rabos no meio das pernas.

Pois bem, banho tomado, uniforme envergado, já enjoado e não muito bom das pernas, desci para o salão. Com o calor e a Vodka trabalhando super eficientemente, comecei a ver três lâmpadas onde havia apenas uma. Subi para o alojamento, tirei a roupa e fui pra cama.

A lembrança seguinte que me ocorre, é a de acordar deitado de barriga para baixo, na cama e um cheiro de bicho morto no nariz. Deveria ser muito além do meio-dia e havia ao meu lado, no chão, uma vomitada de dar gosto ao "Alien". Coisa para o "Guinness Book". Parecia uma pizza à portuguesa, daquelas de massa grossa e bordas recheadas! Os demais colegas do grupo semi-suicida também passaram mal, mas não me consta que algum deles tenha regurgitado uma pizza inteira... Jurei que nunca mais iria beber em minha vida.... Vodka..... pura...

Com o ano letivo encerrado e aguardando-se os resultados das inspeções de saúde, a maioria levava os dias entre captar lembranças gerais e suas despedidas da EPCAr.

O tempo passou e fiquei sabendo que não havia sido aprovado no exame de eletroencefalograma, juntamente com outros colegas e recorreremos para submeter-nos a uma Junta de Saúde. Fomos para o Rio e Janeiro de trem. Não naquele de aço e confortável. Era o "trem-de-pau", que vinha do norte de Minas Gerais ou de Aracaju, não sei bem. Saía de Barbacena lá pelo fim da tarde de um dia e chegava na Central do Brasil na manhã do outro.



Pulseira vendida na secretaria da Sociedade, desde 1962.

Ao amanhecer, ele já se encontrava nas cercania do Rio e daí em diante não se dormia mais, pois era o maior *convercê* de estudantes e pessoas que trabalhavam lá pras bandas da cidade e descolavam de suas casas na madrugada. O trem parou umas quinhentas vezes! Acordei com uma algazarra de vozes femininas: era um grupo de estudantes. Uma delas falava para quem estava comigo no banco:

- Ele (no caso eu) não acorda não?

Acordei! E todo amassado, com sede e com fome. Foi assim que ficamos de blá-blá-blá até o final da viagem.

Desta vez, fiquei hospedado no QG III, num quarto com o Montgomery, que também havia ido submeter-se ao eletroencefalograma.

Quando regressava para Barbacena, após o exame de saúde normal, ou o da Junta Especial, encontrei-me com o nosso Comandante do Corpo de Alunos, o Capitão Pedro Luis, que tinha ido ao

Rio de T-6 e pousado no Santos Dumont. Consegui uma carona e regressei, feliz da vida, afundado no cockpit traseiro. Depois de algum tempo, voando civilizada e monotonamente, notei que estávamos descendo lenta e continuamente, fazendo umas curvas pra cá e outras pra lá.

Quando uma localidade, que não sei qual é, vinha se aproximando, tudo mudou. Foi uma boa meia dúzia de passagens baixas no meio dos telhados, postes, árvores e o que houvesse por perto. Uma rasante atrás da outra. Conheci, pela primeira vez, o significado de 2,5 g's (imagino que tenha sido isso, no máximo), na maior alegria. Nem me passaria pela cabeça, naquele instante, que, em Junho de 1968, eu veria o motor do meu T-6 apagar, quando eu estava no dorso, na vertical da Restinga da Marambaia, correndo atrás do Tenente Euclides.

Dois pro líder: - Pane de motor, com proa do litoral da restinga. Entre o tal de troca tanque e dá bombada o motor voltou a funcionar. Era o esquerdo vazio!... e o direito cheio...

Líder: - Confirme dois em pane?

Eu: - Negativo, dois retornando para reunir.

O baixinho não era fácil, havia mandado eu escalonar, assim que recolhi o trem, na decolagem, e não tinha parado mais. Descansei durante a pane! Pensei que ele iria me dar uma força por ter pego a pane no dorso e....nada disso! foi a maior bronca. E eu só voava com ele. Parecia uma escala proposital.

Anos mais tarde, em 1972 e 73, voei P-15 com ele, agora capitão e eu primeiro-tenente. Era outra pessoa... tive um monomotor de P-15, com ele como 1P, a 5.000 pés na vertical de Teresina. Identificou, cortou, trem, flap embaixo. A uns dois mil pés:

- DÁ PERNA BASE PRÁ TORRE! Curva, final e pouso perfeito! Baixinho paid'égua! Passamos uma semana lá. Fazia 45 graus à sombra! "Tô mentindo, Terta?"



Alunos Hoog e Aragão registrando o Jardim de Alá.

Com a Escola vazia, aguardávamos a decisão final no alojamento, também vazio. Um final não muito feliz, num espaço de tanta confusão, divertimentos e lembranças

Não passei na "Junta de Saúde" e muitos outros também não. A nós, foi dada a opção de sermos transferidos para a Escola de Cadetes do Exército, em Resende, a Academia Militar das Agulhas Negras. Eu aceitei, formamos um grupo e fomos..... no "trem-de-pau" que passava no final da tarde em Barbacena e chegava de madrugada na estação de Resende.

Assim, chegamos. Estavam nos esperando o Oficial de Dia à AMAN e o Cadete de Dia ao Corpo de Cadetes. Qual era mesmo o meio de transporte para nós e as respectivas, imensas e pesadas bagagens?..... Pé no chão e mala nas costas....

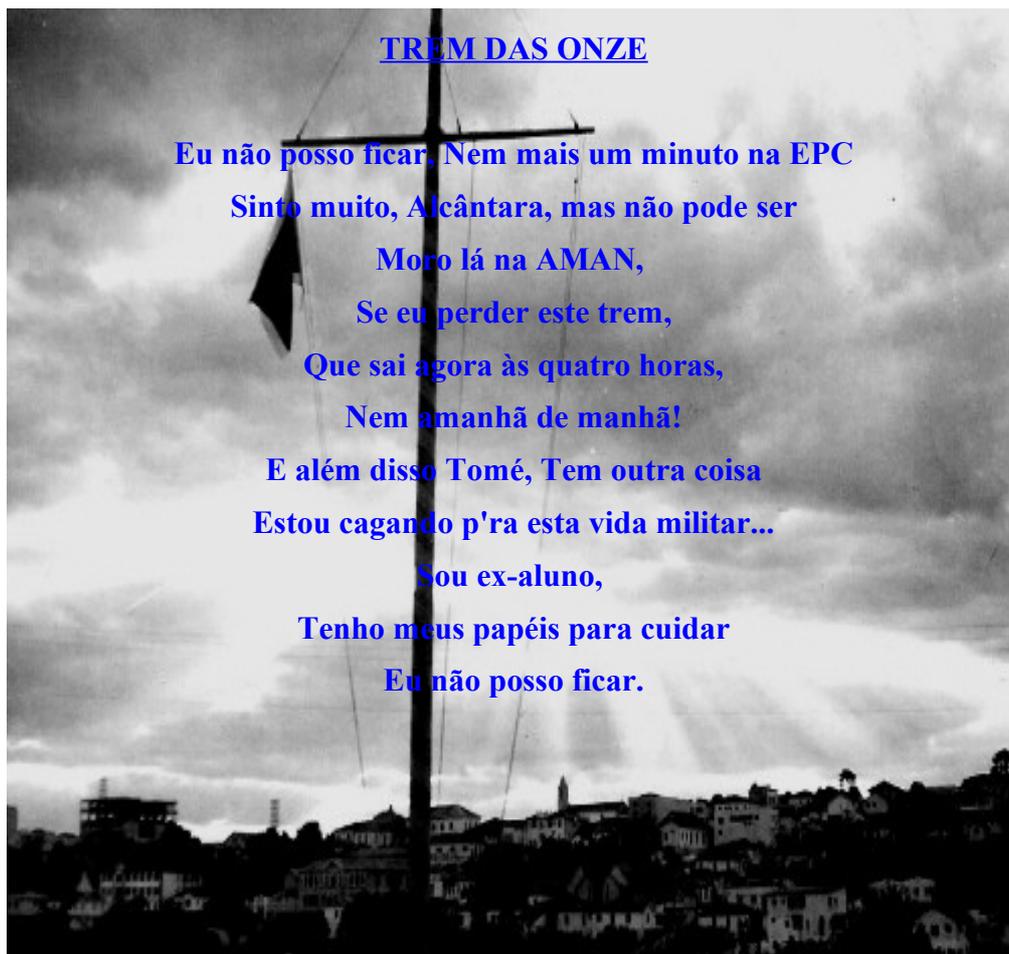
Lembro-me de que o grupo que seguiu para a AMAN estava composto pelos seguintes ex-alunos de EPCAR: Hoog, Germano, Montgomery, Menezes, Kramer, Pazzini, Ernani, Cavalcante, Gouvêa, Nunes e Edison.



Restavam somente alguns laranjeiras e os que aguardavam o resultado da Junta de Saúde.

Como não poderia deixar de ser, a criatividade e o bom humor dos "desligados" não se deixaram esmorecer. Unindo as musicalidades do Germano, do Ernani e do Montgomery, acabamos sendo agraciados com mais uma letra antológica para a história agoravaiana.

Até eu que, como contei há algumas dezenas de páginas, não canto nem parabéns, para não estragar a festa, cantava este "hino", que por acaso, também é antológico no mundo da Música Popular Brasileira. Como este período foi marcado por duas grandes viradas em nossas vidas é com sua letra que eu me despeço desta resenha, cantando-a mentalmente e fazendo votos de que este longo "causo bequiano" tenha sido uma fonte de boas lembranças para todos nós.



Nota referente à letra acima: Ten Cel Av Alcântara – Oficial do Dep. Adm. da EPCAr e Ten Av Tomé - Oficial do Corpo de Alunos.

FIM